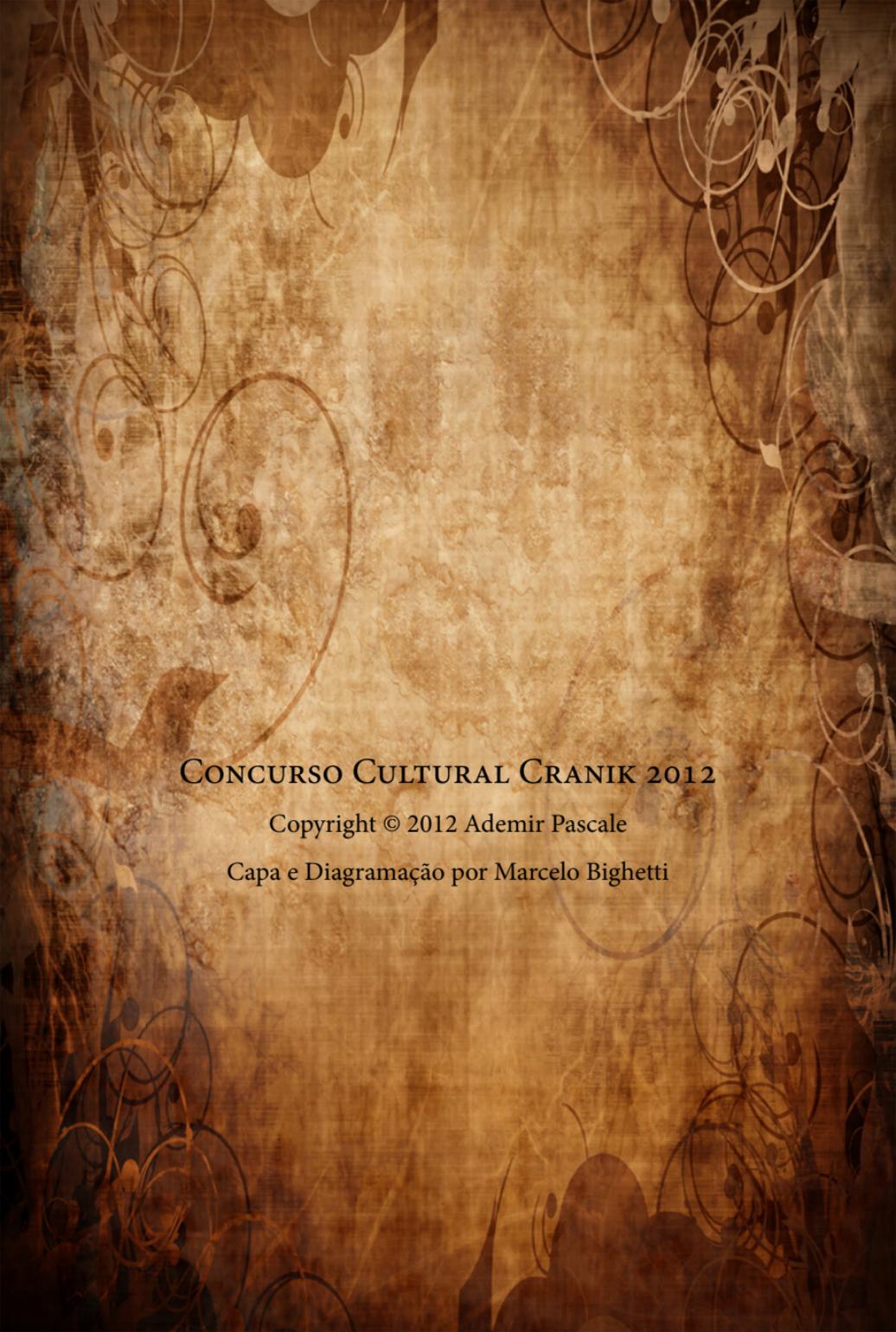


ADEMIR PASCALE
organizador

1º CONCURSO CULTURAL
CRANIK



Conheça os 11 contos fantásticos



CONCURSO CULTURAL CRANIK 2012

Copyright © 2012 Ademir Pascale

Capa e Diagramação por Marcelo Bighetti

CONCURSO CULTURAL CRANIK 2012

PREFÁCIO

Depois de ler mais de oitenta contos para o 1º Concurso Cultural de Literatura Cranik, eis os contos selecionados do 1º ao 11º lugar. O projeto foi um incentivo aos escritores que buscam expor os seus trabalhos. Não apenas escrevo e publico meus textos, mas faço o possível para incentivar quem busca publicar, seja em papel impresso ou pelos meios digitais.

Este é apenas o 1º Concurso Cultural de Literatura Cranik. Eu e Marcelo Bighetti (<http://marcelobighetti.blogspot.com.br>), amigo e parceiro que produziu a capa, arte e diagramação deste e-book, pretendemos voltar em 2013 com o 2º Concurso Cultural de Literatura Cranik. O projeto é gratuito e os e-books serão divulgados e distribuídos livremente. Empresas, editoras ou envolvidos no mundo da literatura que desejem fazer parceria e patrocinar o nosso projeto, por favor, entrem em contato diretamente comigo: ademir@cranik.com. E fiquem ligados no meu blog oficial “O Desejo de Lilith” (<http://odesejodelilith.blogspot.com>), pois será nele que anunciaremos o próximo concurso cultural.

Agora leia e deleite-se com os contos selecionados.
Forte abraço,

Ademir Pascale

Escritor e ativista cultural

O BICHO

Ana Beatriz Cabral



Ana Beatriz Cabral é servidora pública, mora em Brasília desde a adolescência. Formada em Letras, com Mestrado em Literatura. Escreve desde sempre, mas recentemente teve poemas premiados e contos publicados. Tem preferência por romances psicológicos, mas ainda não escreveu nenhum. E vai seguindo a vida e seus mistérios.

anabeatriz.cabral2008@gmail.com

** Este conto vencedor possui uma versão digital (ebook) única, com capa personalizada.*

Primeiro lugar no Concurso Cultural Craunk 2012

ANA BEATRIZ CABRAL



© BICHO



O BICHO

Ana Beatriz Cabral

A chuva batia insistente na janela. Já era quase madrugada. Em frente à televisão, tinha se instalado o mais confortável possível para não ter o trabalho de ir para a cama, caso pegasse no sono. O apartamento recém alugado ainda estava com pouca mobília. Quem ligaria? Agora que não tinha ninguém, não precisava se preocupar com esses detalhes de decoração. Um sofá, uma TV, cama e geladeira eram suficientes para sobreviver. Qualquer outra coisa lembrava lar. Queria esquecer. Depois da separação, não tinha tido outra rotina se não a de ir ao trabalho e voltar para casa. No início, pensou que faria como os outros que caem na farra noturna tão logo se sentem livres. Para vingar a dor ainda recente, qualquer distração servia, qualquer mulher era a mesma mulher. Todas iguais. Todas querendo a mesma coisa. Antes de casar, são dóceis e compreensivas, levam a pensar que a vida a dois se converterá numa felicidade sem fim. Com o passar do tempo, as exigências se multiplicam e são diretamente proporcionais à constante insatisfação que elas manifestam em um estado permanente de mau humor. Tinha aprendido essa lição. Não iria procu-

rar mulher alguma. Não mais se iludiria. A TV a cabo era a melhor companhia, para qualquer situação, por enquanto.

O filme arrastava-se na tela e o barulho da chuva o deixava mais sonolento. Abria os olhos vez por outra, enquanto o som da televisão ia se tornando mais distante. Já não ouvia mais nada. Nem sabia se sonhava ou se ainda eram imagens do filme que passavam em sua mente. Coisas desconexas. Lembranças fugidias. Um prédio, um jardim, o riso dela. O dia do casamento. A despedida de solteiro que os amigos insistiram em fazer. O Alfredo. Engraçado como todo mundo tem um amigo chamado Alfredo. Não deu ouvidos às palavras cépticas do solteirão convicto. Casar para quê? Vai arrumar arrependimento para o resto da vida. Fique solteiro. More junto um tempo. Experimente a convivência para ver se dá certo. Mas casar para quê? Casou. E ainda junta os cacos de si mesmo.

Agitava-se no sono. O sofá parecia pequeno, desconfortável, cheio de espinhos. Vozes de sonho e TV misturavam-se na penumbra da sala. A chuva continuava forte. A noite adentrava pela janela, escurecia a sala. Trovões ao longe se juntavam ao coro de vozes confusas. De repente, um estrondo. Teria sonhado? Foi na televisão? Levantou-se meio tonto. A cabeça doía do mau jeito com que estava apoiada no braço do sofá. Desligou a TV e caminhava sonolento em direção ao quarto, quando uma luz tremula vinda da porta que levava à cozinha chamou sua atenção. Pensou em tomar um copo de água. A garganta secava e o gosto amargo da bebida tomada no jantar ainda permanecia na boca.

Com o único copo limpo na mão, abriu a porta da geladeira quase vazia para pegar a garrafa com água, quando a luz do eletrodoméstico projetou uma sombra disforme na

parede. O susto o fez derrubar o copo. Virou-se com pavor, procurando um objeto qualquer para sua defesa. Quase teve um ataque de riso. Encolhido num canto da parede, um bicho molhado e escuro tremia. Parecia um pássaro de porte médio que tinha procurado ali abrigo para a chuva. Provavelmente, entrara pelo vidro quebrado da janela, que o antigo inquilino deixara de brinde. Já havia se virado em direção ao quarto, mas o olhar do estranho animal o seguia. Havia uma tristeza profunda nele. Quase reconhecia a mesma dor que via refletida quando, de passagem pelo banheiro, ousava levantar os olhos na altura do espelho da pia e encarar seu rosto...

Embora o animal estivesse visivelmente assustado, não se movia. Não tentava fugir. Decidiu chegar mais perto. Apesar do bico pontudo, parecia não oferecer perigo. Apenas o olhar, um brilho embaçado, esmaecido, indefinido, era perturbador. Acendeu a luz da cozinha para ver melhor. Tinha razão de não se mexer. O longo pescoço apresentava um ferimento. Talvez tivesse conseguido ao entrar pela janela quebrada. Sangue e água formavam uma poça ao redor de seu corpo. Não iria conseguir dormir se não tentasse alguma coisa. Lembrou-se do velho estojo de primeiros socorros que estava jogado no porta luva no carro. Uma obrigação para os motoristas que caiu no esquecimento. Pelo menos agora serviria para alguma coisa. Desceu rapidamente à garagem para pegar.

Limpou o ferimento. Passou um pedaço de gaze ao redor do pescoço e prendeu com esparadrapo. Achou que tinha ficado bom. O animal sequer esboçou alguma reação. Antes de apagar a luz, avistou o pedaço de pão endurecido sobre a pia. Esmigalhou um pouco pelo chão, ao alcance do

pássaro. Foi para a cama.

Levantou num só pulo. Estava atrasado, como sempre. O chefe já o tinha advertido de seus horários. Mas varando noites e madrugadas em frente à TV, remoendo insônia e solidão, era inevitável que chegasse tarde e estivesse invariavelmente mal humorado àquela hora da manhã. Foi à cozinha tomar água. A boca permanecia seca e amarga, como ele. Então, se lembrou do bicho. Ainda achava que tinha sonhado, quando os cacos de vidro no chão e a mancha junto à parede mostraram que não. Mas o pássaro já não estava mais lá. Será que tinha conseguido voar? Esse pensamento o alegrou por um instante. Mas não tinha tempo para alegrias.

Saiu correndo. Para ajudar, o elevador demorava. Despencou escadaria abaixo. Chegou à garagem junto com o elevador. De dentro dele, saiu sua vizinha do final do corredor. Nunca tinha prestado muita atenção nela. Tinham se visto umas duas vezes, no máximo. Mesmo porque travava uma luta secreta contra todas as mulheres do mundo. Elas lhe eram indiferentes. Queria manter distância. Mas, apesar da pressa, alguma coisa o fez olhar para ela. Devia cumprimentar. Dizer bom dia. Preferiu ficar calado. Apenas um aceno com a cabeça era suficiente. Ela retribuiu, e seus olhos eram acolhedores e, por um instante, pareceram familiares. Deixou-a passar à frente no estreito corredor que levava aos carros estacionados. Ainda se lembrava de pequenas gentilezas.

Nesse momento, as chaves do carro que a moça balançava entre os dedos caíram com um barulho estridente. Adiantou-se para ajudá-la. Abaixaram juntos. Um tremor percorreu-lhe o corpo. Com o movimento, parte da echarpe de seda que cobria o pescoço da jovem deslizou para os

ombros, deixando à mostra um pedaço de pele, onde a visão de um curativo feito com gaze e esparadrapo, ainda manchados de sangue, tirou sua respiração. Devolveu as chaves sem conseguir tirar os olhos da moça. Com um olhar doce, ela disse obrigada e, após um silêncio que pareceu eterno, acrescentou – por tudo.

SOPROS DO MAL

Cláudia Curcio



Cláudia Curcio é natural da cidade de Esteio. Formada em Letras, com especialização em metodologia do Ensino de Literatura, escreve há mais de vinte anos. Nascida em 02/05/1980 a jovem escritora acumula participações em antologias, recentemente integrou: Assombros Juvenis, com o conto “Mesa para dois (outra que não eu) e também recebeu menção honrosa no Concurso Internacional Vicente Cardoso, Santa Rosa, com o conto de ficção científica: A jornada dos Guerreiros de Gaia, ambos no ano de 2011. Atualmente Cláudia participa da Confraria Reinações.

Contato: claudia.curcio@ig.com.br.

SOPROS DO MAL

Cláudia Curcio

Fênix dos Pampas

 grupo de amigos estava preso no teleférico, em meio à neve. Sangue misturado à crosta gelada, gente roxa, estrebuchando de dor e frio. O fim era previsível, depois da incessante luta pela sobrevivência, o horror venia. Maicon trocou de canal. A cena da garotinha loira engolida pela televisão não mais o assustava. Zapeou novamente. Agora o demônio fazia a moça monstruosa girar o pescoço em 360 graus. Vomito verde abacate jorrado. A eterna luta do bem contra o mal. Maicon desligou o televisor e foi almoçar.

No cardápio juvenil Batatas crocantes sabor churrasco e um refrigerante *Diet*, o último invenção da mãe. Jesebel havia adquirido alguns quilos após o divórcio. Foi ela quem ficou com a guarda dos gêmeos Maicon e Márcio. Embora, algumas vezes, os filhos duvidassem de suas condições mentais. A mulher sofria de depressão e, por isso os três foram morar na casa do avô materno, um militar aposentado, enérgico e turrão.

Maicon comeu o pacote grande de batatas de uma só vez. Deu um arrotto alto e esmagou a latinha de refrigerante, vazia. Afagou o estômago superficialmente saciado e dirigiu-se até o quarto, no final do corredor. No caminho desfilava preguiça. Os pés escapulindo do tênis, quase dois números maiores que o seu, empréstimo do irmão. Marcio não se importava em dividir, dos gêmeos era o mais falante e alegre. Diferente dele — silencioso, olhar frio e profundo.

“— A fruta não cai longe do pé... Você tem o sangue ruim do teu avô!” — cutucava a mãe, quando os meninos brigavam e ela tinha que apartar, do contrário Maicon matava o irmão. Nunca duvidou da predileção de Jesebel por Márcio. Sentiu um leve incomodo, mas o digeriu junto às batatas. Resvalou as pontas dos dedos engordurados nas paredes que muravam o corredor. Parou diante da fotografia cinza da moça ereta, mãos pousadas nos joelhos para a foto. Olhou fundo naqueles olhos que, por hora pareciam negros. A jovem bonita exalava candura dos grossos lábios. Podia jurar tratar-se de uma Santa, caso não soubesse da história. Quem posava para o retrato era a avó, um dia após o casamento. Anos mais tarde descobriu-se que ela traía o marido. A jovem morreu em seguida, antes que o escândalo se agigantasse. Uns dizem que de vergonha, mas as suspeitas sempre recaíram sobre o avô.

Maicon sempre detestou casamentos. Adentrou o quarto e deitou na cama. Cruzou as mãos em torno da cabeça, recapitulando os planos. Olhos fechados para testar a memória. Devia descartar todos os possíveis imprevistos. Refez mentalmente o caminho até a escola. Jogou no *Google* o endereço das ruas adjacentes, anotando a seguir alternativas de fuga e esconderijos.

Silêncio gritante dentro de casa. Cabeça muda naquele instante. Sensação de vazio. Uma ponta de arrependimento, ou, talvez, fosse à incerteza do que estava por vir? De qualquer sorte precisava estar em constante movimento, o exercício fazia o cérebro de Maicon trabalhar melhor.

Ideia nova.

Apanhou o caderno de matemática, já quase sem folhas, a capa descolando do espiral. Encontrou espaço e, traço firme, iniciou a carta:

“ *Eu realmente precisava fazer isso...*” As palavras fluíram com erros de grafia e tudo mais. Pensamento no pai, na tristeza sentida quando do anúncio:

“— O pai não vai morar mais com vocês.”

Os meninos, ainda pequenos, sem entender o porquê do rompimento abrupto do casal. A mãe, expelindo fogo pelos olhos e pela boca:

“— O pai de vocês arranjou um namorado!”

Maicon nunca aprovou a relação homo afetiva do pai, menos por ele, mais pelos outros. A mãe e o avô pintavam a caveira do progenitor dos gêmeos. Sob forte efeito dos medicamentos, Jesebel dificilmente tocava no assunto. Já com o avô a conversa era outra. Márcio e Maicon eram forçados a trabalhar, a mexer em motores e realizar instalações hidráulicas e elétricas. Caso desobedecessem, ou errassem, eram penalizados: com banhos frios no inverno, ou surras de rebenque. O avô queria netos machos, a qualquer custo.

Maicon furou o papel com a caneta. A carta estava qua-

se finalizada. A caligrafia miúda e em declive revelava traços de sua personalidade. Jovem com certa dose de inteligência, mas oprimido, asfixiado numa bolha de sabão. Fantoches do avô, órfão de pai e mãe. A mãe uma louca. O pai um desencanto. Por conta disso Maicon era motivo de piada na escola.

— Se filho de peixe, peixinho é... Filho de *bambi*... é o quê?

Provocação diária, humilhação gratuita. Desenhos nas carteiras em que Maicon aparecia travestido de mulher. Vozes que simulavam o diálogo inverossímil dele com o pai. Vergonha e preconceito andando de mãos dadas, contra ele.

Certo dia recebeu um bilhete com um convite obsceno para uma ida às escuras no banheiro masculino. Isca para testar sua masculinidade. Não tendo nada a perder, foi. Estavam de campana dois dos agressores que já o haviam surrado antes. Péssima ideia, concluiu ao avistá-los. Tarde demais para recuar. Então Maicon abriu a boca e disse:

— Dois contra um é covardia, quero ver no mano a mano.

Os garotos toparam.

O banheiro masculino foi transformado num octógono. Graças ao curso online de defesa pessoal, no um a um, Maicon nocauteou os dois. Porém, aquela voz, que de vez em quando o chamava, soprou-lhe o desejo de tripudiar o adversário. Maicon agarrou um dos garotos pelo queixo, abriu o zíper das calças e urinou na cara dele.

No dia seguinte não foi chamado à direção. Não houve

queixas e as provocações diminuíram por um bom tempo. Gostou da sensação de sossego, do olhar agora nivelado dos colegas, ele não se sentia mais um anormal, era gente como qualquer um. Independentemente das escolhas do pai, ele era o filho. Sentiu-se bem e, fez um pedido singular à mãe.

— Quero encontrar o pai.

— Para quê?

— Quero conversar com ele — o rosto enrubescido. — Tô com saudade.

A mulher olhou em redor e, seca como um oásis disparou:

— Não dá... teu avô não quer.

— Mãe...

— Esquece, Maicon!

O jovem foi dormir com raiva. No sonho o diabo apareceu para ele e propôs um pacto. A alma do avô em troca de liberdade. Pensou na mãe, no irmão e na perseguição sofrida na escola. Compactuaram com sangue.

Ao despertar, o corpo banhado em suor, olhos arregalados, misto de pavor e alívio, virou o travesseiro, na intenção de afastar o pesadelo. Ao realizar a manobra visualizou duas gotículas sanguinolentas carimbando a franha. Às pressas, olhou as mãos espalmadas localizando, no dedão direito, o furo do diabo. Sentiu o calafrio percorrendo a espinha.

Promessa é dívida, pensou. E a voz, aquela que o mandou urinar no inimigo, ressurgiu avivada pelo medo invo-

luntário do jovem. Daquele dia em diante, o sibilo do diabo passou a ser trilha sonora da vida do rapaz.

Na manhã seguinte Maicon ouviu o choro abafado, que nem de longe lembrava o lamurio materno. Era Márcio, o irmão. Adentrou com cautela o quarto dele. O corpo do gêmeo cambaleante sobre a poltrona aveludada e azul. Percebeu que as lágrimas eram superficiais e a dor profunda. O rosto inchado e os hematomas espalhados pelo corpo denunciavam a violência recente.

— Por quê?

A resposta não veio.

Maicon, atordoado pelos gritos mentais, decidiu então, ir busca-la.

Márcio, fora de combate, ergueu o braço na intenção de poupar o irmão. A boca dormente, de lábios reventados ainda pronunciou um “Por favor... não vai..”

Ele foi.

Movido à raiva e abastecido a ódio.

O jovem deu um murro certo na cara do velho, que cambaleou antes de cair. Os olhos do avô incendiaram-se e ele levantou-se para continuar a briga. Lutaram. O velho excitado, limpando a baba no canto da boca. Maicon agindo igual a um pugilista dos games que costumava jogar. Não era certo. Naquela casa nada era certo. O velho, tendo a experiência a seu favor, deu um golpe que fez o neto tombar de joelhos. Depois veio por detrás dele e acertou-lhe uma gravata. Maicon tentou desvencilhar-se, cansado. O avô,

prolongando a tortura, revelou: “— Vai ter o mesmo fim da tua avó.”

A cena de horror durou até a chegada de Jesebel, que suplicou ao pai, em nome do filho. O velho desfez o golpe. Virou a cabeça para o lado direito. E cuspiu uma bolota de sangue na qual se via as sobras dum dente. Com a respiração menos acelerada decretou:

— Em uma semana quero os três fora daqui, uma semana!

A mãe só ergueu o filho. Os dois subiram a escadaria. Márcio encontrou o par no corredor. Ainda ferido deu suporte ao irmão que bastante machucado, exalava um cheiro forte de vingança. Maicon não foi à escola naquele dia. Nem no outro. Proibido por Jesebel de prestar queixas, dedicou-se ao plano diabólico de matar o avô.

De volta à escola, a surpresa: fotos comprometedoras de Maicon, espalhadas via Bluetooth davam crédito aos boatos da rádio corredor. Nelas Maicon, aparecia em situação vexatória e comprometedora, no banheiro masculino. As fotos haviam sido disponibilizadas num conhecido site de relacionamento, com os dizeres: “filho de peixe... frutinha é!”. Esmurrou a escrivaninha. Como pode ser tão otário? Os colegas haviam armado uma emboscada para ele. Sentiu um ódio tão grande, mas tanto que o ar lhe faltou. A voz interna misturou-se à risada coletiva, tornando-se inaudível. Fechou os punhos, cerrou os dentes. Precisava lavar a honra. Matar dois coelhos numa cajadada apenas.

Esperou a noite cair. Quando o avô estivesse o suficientemente absorto pela trigésima reprise do filme do Chuck

Norris, agiria. A voz ditando o que fazer, ele obediente, fantoche do mal. Maicon foi até o salão das armas do avô. Com um grampo de cabelos abriu a porta. Apanhou a carabina e estourou os miolos do velho. Dotado de uma fúria descomunal continuou agindo, sem controle. A voz incitando ele a dar continuidade às mortes. A mãe e o irmão não foram poupados. Motivo torpe — ela preferia a Márcio, que por sua vez, era o preferido dela.

Maicon postou em seu *twitter*, que reunia treze seguidores, todos membros do curso *on-line* de defesa pessoal: “um dia é da caça outro é do caçador.” Com tempo de sobra ele explorou o arsenal do avô. Escolheu duas pistolas e um revólver. Separou alguns carregadores e cartuchos. Vestiu um coldre axilar, o que o fez sentir-se o próprio ator de cinema, aquele dos filmes que o velho assistia. Rasgou uma tira vermelha de pano e a amarrou na cabeça. A voz ouvindo o pensamento: “hoje eu sou o caçador!”

HORA DO EMBARQUE

Edweine Loureiro



Edweine Loureiro nasceu em Manaus em 20 de setembro de 1975. É advogado, professor de Literatura e Idiomas. Em 2005, obteve o Mestrado em Política Internacional pela Universidade de Osaka (Japão). Premiado em diversos concursos literários, é autor dos livros: *Sonhador Sim Senhor!* (Ed. Litteris, 2000), *Clandestinos [e outras crônicas]* (Clube de Autores, 2011) e *Em Curto Espaço* (Ed. Multifoco, Selo 3x4, 2012). É membro-correspondente da Academia Cabista de Letras, Artes e Ciências (RJ).

Blog do autor: <http://edweineloureiro.wordpress.com>

Contato: edweine@yahoo.com.br ou edweine.loureiro@gmail.com.

HORA DO EMBARQUE

Edweine Loureiro

Sentando pôr a fila em ordem, o funcionário do trem ia chamando os passageiros pelos números:

— Treze! Condenado por matar os próprios pais com um machado, antes de cometer suicídio.

Apresentou-se um rapaz franzino que, dirigindo-se ao funcionário, perguntou:

— Eu tenho um nome, sabia?

O funcionário, ignorando-o, fez sinal para que embarcasse rápido. Mesmo a contragosto, o rapaz obedeceu.

No interior do comboio, nada de assentos — todos ficavam em pé, agrupados; sem haver argolas no teto, ou nada semelhante em que pudessem se apoiar. O rapaz olhou horrorizado a sua volta; pois tudo o que via eram deformidades: um homem com queimaduras por todo o corpo e, ao lado deste, uma mulher com um buraco no tórax, que, por sua vez, levava, pela mão, uma criança sem os globos oculares. E foi justamente o homem que o chamou:

— Venha, jovem. Venha juntar-se a nós!

Ele hesitou por um instante, mas, sem grandes opções, dirigiu-se até o grupo.

— Qual o seu número? — perguntou o homem.

— Meu nome é o que você quer saber?

O homem sorriu, expondo três dentes na face, parte descarnada, parte enegrecida:

— Jovem, permita-me dar-lhe um conselho: esqueça-se de seu nome, sua origem, tudo. A partir de agora somos todos números... e apenas isso. Infelizmente, é assim: e, ao fim desta viagem, sequer memórias teremos...

Desconfiado, o número treze perguntou:

— E como você sabe disso? Você também acabou de morrer, não? Se está aqui comigo — e se eu não sei de meu destino —, como você pode saber?

O homem, então, parando de sorrir, disse-lhe:

— Engana-se novamente, meu jovem. Estava na estação há mais de um século, esperando embarcar neste trem. Mas sempre era preterido: meu número — vinte e dois — jamais era chamado...

— Então os números não são chamados pela ordem? — indagou novamente o rapaz.

— Não — respondeu o homem, completando, em seguida: — Escute por um momento o que está gritando o funcionário...

Lá fora, dois números eram chamados: o seiscentos e vinte e, logo após, o quatro. Representando-os, respectivamente, embarcaram um homem de meia-idade, bem vestido, e uma elegante jovem — ambos, porém, via-se, tinham um buraco nas têmporas. Ao adentrarem, a porta do vagão se fechou; e, pouco depois, o trem começou a movimentar-se. No interior, uma escuridão total e, durante alguns segundos, também um absoluto silêncio. Até que o jovem, incomodado com a quietude, resolveu quebrá-la:

— Vinte e dois...

— Sim.

Aliviado, o jovem estendeu-se:

— Como você morreu? Eu, por exemplo, sei porque estou aqui: matei dois desgraçados que só me traziam sofrimentos: ele me violava desde os cinco anos; ela consentia... Não aguentei mais e, no dia que completei catorze anos, matei os dois, a machadadas, enquanto dormiam. Depois, consciente de que esse crime para sempre me atormentaria, e que minha vida acabava mesmo ali, mergulhei na banheira e cortei os pulsos... E você?

Após uma breve pausa, escutou:

— Eu era um dos ladrões mais impiedosos da cidade, quando esta era ainda um vilarejo — isso por volta do ano de mil e novecentos. Nessa época, não satisfeito em roubar, eu trancava as famílias e tocava fogo nas casas. Uma noite, porém, fui flagrado por um grupo de pessoas quando jogava gasolina ao redor de um casebre que eu acabara de assaltar. Furiosos, quatro rapazes conseguiram me dominar — evitando, assim, um novo incêndio —; e, em segui-

da, esfaquearam-me várias vezes. Depois, percebendo que eu ainda respirava, arrastaram-me até o centro da praça e queimaram-me vivo.

— Entendo. E por que você não embarcou logo no trem?

— Não cometi suicídio. Então, fiquei vagando pela estação, com outros mortos, até que chegasse a minha hora — e concluindo: — Somente aos suicidas cabe o direito de embarcarem imediatamente. E, a propósito, acho que isso também responde à pergunta que você deve estar se fazendo...

— Sim — concordou o rapaz. Mas, logo em seguida, demonstrando estar ainda insatisfeito com as explicações, sussurrou: — E a menina, sem olhos, que vi com uma senhora, ao lado de você, quando entrei. Ela me pareceu mais vítima do que criminosa, não?

— Ela é minha filha — respondeu uma voz feminina que, pela escuridão, era impossível saber exatamente de onde vinha. — E ela não é nenhuma santa: adorava arrancar os olhos dos bichos por pura maldade; até que um dia arrancou os de minha cadela de estimação. Perdi a cabeça e, num acesso de fúria, fiz o mesmo com ela: arranquei os seus olhos e esganei-a em seguida. Depois, não suportando o peso do arrependimento, dei um tiro no próprio peito... — e completou: — eu embarquei primeiro. Ela, um pouco antes de você.

O rapaz resolveu não comentar. E o silêncio tomaria conta do vagão novamente se, nesse momento, o trem não estancasse; levando muitos a se desesperarem e a gritarem;

pensando haverem chegado à temida morada de Hades.

Mas logo uma voz era ouvida:

— Senhores passageiros, o trem foi forçado a uma parada que poderá atrasar, em alguns séculos, nossa chegada ao destino final. Peço a todos que esperem pacientemente.

Porém, a notícia somente aumentou o desespero dos passageiros que, enlouquecidos, agitavam-se e intensificavam os gritos; batendo na porta do vagão, querendo sair. O rapaz, entre eles, tentava fazer o mesmo.

E, no tumulto, aqueles seres sequer imaginavam a verdade, deles ocultada: a de que todos os esforços para sair dali seriam em vão. Ou pior: de que não havia Hades algum. E que o inferno, na verdade, era aquele: o aprisionamento eterno no próprio trem.

ERRA UMA VEZ

Leandro Luiz



Leandro Luiz, 30 anos, é publicitário e, nas horas vagas, escreve sobre tudo, todos e o que acha ser interessante. Entre seus trabalhos literários, foi destaque nacional em 2011 no XVI Concurso Literário Internacional, com a crônica “Chega de au-au.” Nesse mesmo ano, a obra “Vamos fazer compras?” foi eleita pela Academia Jundiense de Letras uma das 20 melhores crônicas da cidade de São Paulo.

Contato: leandro.luiz@rocketmail.com.

ERRA UMA VEZ

Leandro Luiz

Lm um livro cheio de histórias, uma jovem entra em desespero:

— Chega! Lobo, eu preciso falar com você! — grita a moça.

Depois de um breve silêncio, ela esbraveja:

— Vamos! Saia agora!

— Chapeuzinho... É você, meu docinho? — diz Lobo, seu antigo amigo daquela região.

O olhar da moça era aterrorizador.

— Quem mais seria? Acorda pra vida, meu!

— Mas, mas... o que a linda moça deseja? Você vai levar uma cesta de doces para a....

— Oh peludão! Você não acha que tudo isso já encheu?

— Não estou entendendo! — retruca Lobo.

— Eu quero mudar a página das nossas vidas, entendeu? VI-DA! — a ira de Chapeuzinho podia ser escutada a capítulos de distância. Sem hesitar, ela continua:

— É sempre a mesma coisa! Não aguento essa monotonia.... Precisamos sair daqui!

— Calma, Chapeuzinho. Calma!

— Veja só a minha roupa! Eu odeio vermelho! Eu quero sair, conhecer novos lugares, desbravar o mundo!

— Não sei... — diz o Lobo com receio.

— Medo? Pare com isso! Você vai comigo e pronto. Não posso ir sozinha! Vamos!

Apesar do medo, o Lobo é forçado a ir com a bela moça em busca de novas aventuras. Os dois correm incansavelmente passando por linhas, capítulos e títulos que escondem porquinhos, bruxas, fadas e, até mesmo, um gigante.

— Chapeu..... Chapeuzinho! Não aguento mais! — diz o Lobo ofegante.

— Vamos! Você tem que vir comigo! — incentiva Chapeuzinho.

— Não! Eu não tenho mais idade pra isso. Nem sei porque eu vim! Não devia ter vindo!

— Seu ingrato! — grita Chapeuzinho.

— Ingrato? Você é louca! Nem sei onde estou! Eu vou voltar e mudar toda a história que você abandonou! Você que é a ingrata desse livro.

— Faça o que quiser! Vai lá, seu peludo maldoso sem coração! Volte para aquele conto sem graça.

— Vou mesmo! E digo mais: essa sua brincadeira não vai dar em nada!

Chapeuzinho fica arrasada. Seria duro seguir sem o seu fiel companheiro, mas ela continua firme com o seu objetivo: de começar uma nova história. Ela corre e some entre as muitas páginas à frente.

Lobo, totalmente perdido, procura o caminho de volta quando é surpreendido.

— Para aonde está indo, cachorrinho? — diz um homem alto, com roupas de couro e com uma arma nas mãos.

— Hã? Mas... Quem é você? — pergunta o Lobo assustado.

— Meu nome é Jack!

— Jack? Jack, Jack... Desculpe-me, mas nunca ouvi falar de você.

— Pelo visto você andou demais! — diz Jack em tom irônico.

— Sim, e muito! E eu exijo saber onde estou!

— Não se afobe! Você apenas está na minha história, ué!

— Disso eu sei, esperto! Mas qual é a história, hein?

— Jack, o Caçador de Lobos.

A DEPRESSÃO DA FÊNIX

Adam Minhoto



Nascido em Santo André – SP, **Adam Minhoto** é um escritor brasileiro de literatura fantástica. Em 2006 iniciou seus estudos em música e começou a rabiscar seus primeiros contos juvenis e de literatura fantástica.

Recentemente está se graduando em jornalismo e trabalha no término de seu primeiro romance de fantasia.

Contatos:

E-mail: contato.adam@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/adam.minhoto>

Página: www.recantodasletras.com.br/autores/adam-minhoto

A DEPRESSÃO DA FÊNIX

Adam Minhoto

A morte é um processo longo. Demorei muito tempo para entendê-la definitivamente...

A pequena faísca se acende dando origem as chamas. Logo após, cada parte de mim é consumida e esquecida. Ouço a crepitação emitir a melodia do fim, enquanto minha penugem e tecido rubro são dilacerados e transformados em pó e vazio.

Então o silêncio absoluto.

Perco-me na escuridão até sentir novamente meus batimentos. Meu espírito se derrama em todo meu esplendor gerando força para eu poder me mover e abrir meus olhos. A claridade me cega por um momento, mas posso perceber o novo mundo com suas cores reais. Os segundos de ponderação me faz refletir sobre minha existência. Só então a grande mentira é revelada: este ainda continua sendo o velho mundo. E eu, não morri. Na verdade jamais morrerei, continuarei para sempre a renascer.

Satisfação meu caro leitor, eu sou uma Fênix. Imortal e única de minha espécie! Há quem diga que sou uma raridade, porém afirmo para você: eu sou uma raridade solitária, uma vez que não existe ninguém neste mundo que entenda o meu desespero e depressão.

Já me cansei de ser alcunhada como símbolo de superação. As pessoas são tão egoístas! Elas contam sobre meu dom de renascer das cinzas a fim de justificar suas derrotas. “Seja como uma Fênix” elas aconselham. Será que este argumento as ajuda a motivá-las? Creio que sim, mas em todo caso, será que elas pararam por um momento para pensar que tipo de vida eu levo?

Ao contrário delas, não tenho família ou parentes afastados. Caso tivesse amigos, ninguém se importaria comigo, isto porque começo a acreditar que o mundo apenas valoriza aqueles que um dia desaparecerão. Eu jamais desaparecerei. Fui condenada a assisti-los irem embora, um a um! E por pior que seja o fato de morrer, este não é comparado com sentimento destrutivo que permanece com aquele que fica e perde um grande amigo. A dor é como um fogo que queima sem consumir.

Lembro-me da primeira e última vez que tentei me aproximar de uma criança, há algumas vidas atrás. Seu nome era Milena e ela costumava brincar todas as manhãs numa relva bem próxima da floresta que eu morava. Com as bochechas coradas e frias, ela caminhou na direção da árvore em que estava. Lembro-me da expressão de admiração quando ambos nos olhamos. Milena sorriu e acenou para mim e perguntou:

— Você existe de verdade?

Eu nada respondi. Continuei a observando em silêncio...

— Papai me disse que as Fênix realizam os desejos daqueles que a encontram. Eu tenho um desejo!

Logo critiquei em pensamentos a atitude insana daquele homem por inventar novas histórias sobre mim. Mas fui afetuosa, me aproximei da garota para ouvi-la. Foi quando percebi uma pulseira em seu fino e delicado braço. Nela estava descrito: “Hospital St. Albertus — Quarto 223”.

— Oh, gostou da pulseira? Estou no terceiro quarto do quinto andar. Papai quer que eu me cure logo desta doença.

Examinei mais atentamente o rosto de Milena, faltavam-lhe os cabelos. Os poucos tufos louros a deixavam com uma aparência abatida.

— Sra. Fênix, eu gostaria de voar! Você realizaria este meu desejo?

Eu fiquei sobressaltada com o pedido da criança. Os olhos azuis estavam brilhantes e suplicavam para mim. Num impulso, estendi minhas asas e dei as costas para que ela subisse. O corpo frágil de Milena era tão leve que meu voo foi executado naturalmente.

Sobrevoamos vales, montanhas e a levei para conhecer o outro lado da floresta, onde havia o lago de carpas. Colhi para ela amoras selvagens e busquei as flores que possuíam sua cor predileta: violeta!

Cantei uma canção a qual ela me fez repetir diversas vezes durante o caminho de volta. Chegamos ao pôr-do-sol.

Milena tinha adormecido enquanto sobrevoávamos o hospital. Tive cuidado ao pousar na janela do quinto andar e cuidei para colocá-la na cama sem a menção de despertá-la. Embora o rubor de suas bochechas tivesse desaparecido, Milena dormia com um sorriso angelical, daqueles quando os homens realizam seus maiores sonhos.

Permaneci durante horas no galho da árvore mais próxima quando avistei uma enfermeira entrar aflita. Ela retirou o buquê de flores violetas das mãos da paciente e mediu sua pulsação. Após a presença do médico, ambos concluíram que a garota falecera.

Depois deste dia, vivi reclusa do mundo. Parece que possuir asas para voar não significa que se pode ir para onde quer! Jamais retornei a me aproximar dos homens. Comecei a ter medo dos humanos, medo de que eles possam me aprisionar numa gaiola e me forçar a lacrimejar para curá-los de suas feridas traiçoeiras.

Ah, feridas! Por que vocês se martirizam tanto? Todos são irmãos, todos pertencem ao mesmo nicho e espécie! Eu, por exemplo, jamais conseguirei me apaixonar ou dizer “eu te amo” a alguém. Muito menos sentir o apreço que é quando nasce um filho. Ou do orgulho que se tem ao vê-lo crescer e seguindo seus talentos e sonhos.

Para mim não há psicólogos, médicos ou especialistas que receitem um remédio para eu tomar. Muito menos um bom amigo para me contar uma história de motivação. Não existe alguém semelhante que me entenda! Para me curar ou me livrar de meus problemas necessito morrer e começar tudo outra vez. E é este o meu motivo desanimador. É que tudo e sempre tudo termina igual, e mais uma vez, e mais

uma vez... Num incansável ciclo sem fim.

Por favor, caro leitor, entenda. Raridade e imortalidade não são tudo! Se você almeja isto, reveja seus conceitos. Lembre-se desta ave doente e solitária. Almeje sim, ser sempre o melhor. Doar ao mundo o melhor que possa ter e ser. Compreendi que o melhor que possuo é ser um símbolo de superação para você, humano! Então não seja tolo, escute este conselho.

Se há Deus da Fênix, ou até mesmo de criaturas fantásticas, não sei. Todavia, gostaria que me explicasse o motivo da minha imortalidade, pois aprendi com Milena que a vida é prazerosa quando se tem a certeza que vai desaparecer. Pensar no fim faz você prezar a vida, lutar por desejos. O desejo dela era de voar. Realizá-lo a fez sentir-se na completude de sua curta vida!

Por tanto, concluo leitor: enquanto houver a imortalidade para mim, permanecerei vazia e eternamente encarcerada nesta minha depressão. A vida precisa ser uma estrada de mão única para prosseguirmos e prosseguirmos... Até que o limite nos mostre o nosso ponto de chegada. Viver é ter a certeza de que os erros e acertos são perdoados quando se sabe que no final tudo terminará numa boa e eterna noite de sono.

A MENTE ETERNA

Angelo Miranda



Angelo Miranda nasceu em São Paulo, Capital, em 1983. É geógrafo, professor e acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia pela UNESP. Escreve artigos e planos de aula no site UOL Educação. Participa das antologias *II Concurso História do Meu Bairro*, *História do Meu Município*, *I Concurso Literário História da Cidade – Embu 50 anos*, *UFO – Contos Não Identificados*, *Caminhos do Medo – Vol. 2*, *Sombrias Escrituras – Antologia de Contos Sombrios – Vol. 1* e *Um pouco de nós*. Mantém o blog geopraticando.blogspot.com.

Contato: angelotiago@uol.com.br.

A MENTE ETERNA

Angelo Miranda

O laboratório era sofisticado e equipado com instrumentos de última geração. Monitores espalhados por todo o ambiente exibiam o progresso do projeto Lurec, que consistia em transferir o córtex cerebral de uma pessoa para um robô. Seria uma possível solução para a continuidade da inteligência humana e um alento para as pessoas que não mais perderiam para a morte os seus entes queridos.

Kevin estava à frente do projeto. Era um cientista que descobrira uma doença degenerativa. Andava com bastante dificuldade escorado em duas bengalas, uma em cada mão. Enganava-se quem pensava que ele devia estar preocupado com a proximidade da morte. Sabendo-se que ela chegaria primeiro do que a conclusão do seu projeto revolucionário trabalhou incessantemente. A sua rotina tornou-se permanecer no laboratório o dia todo, fazendo cálculos, programando e ajustando sistemas, porém, essa rotina consumiu o seu ânimo e fôlego de vida.

Numa manhã, Kevin foi encontrado por Ana, sua esposa. Ele estava com os olhos fechados e sobre a sua cabeça

estava acoplado um capacete de onde saía uma quantidade imensa de fios ligados a um robô que estava posicionado no fundo da sala. Tentou acordá-lo, mas sem sucesso. Kevin havia sucumbido à doença, agravada pela rotina estafante a que tinha se submetido.

Desalentada, Ana sentou-se ao lado do corpo chorando por aquilo ter ocorrido. De repente, uma forte luz tomou conta de todo o laboratório. Ana virou-se assustada para trás, achando que era um princípio de incêndio. A luz ofuscou a sua visão. Tampou o seu rosto com uma das mãos tentando enxergar o que era aquilo, com dificuldade, conseguiu observar que a luz originava de uma tela de doze polegadas inserida na barriga do robô e pelos seus olhos que eram bem iluminados. Aos poucos, a intensidade da luz foi diminuindo, enquanto pequenos estalos começaram a ser ouvidos. Eram as articulações do robô que davam início aos seus primeiros movimentos.

Ana ficou arrepiada quando ouviu a voz que soou com força daquele corpo metálico. Kevin disse que havia vencido a morte, e agora ela e os demais membros da equipe poderiam continuar com a sua experiência e com todo o conteúdo da sua mente. Era um jeito encontrado de ele estar sempre com ela. Imagens do que eles haviam passados juntos foram exibidos na tela da sua barriga. Ana que antes não gostava da possibilidade de Kevin vir a se transformar num robô, começou a gostar da ideia pela emoção que sentiu e por ter vislumbrado a oportunidade de não mais ficar sozinha.

As semanas foram se passando e Kevin continuava a trabalhar de uma forma intensa no laboratório. Ninguém ao certo sabia dizer no que tanto ele trabalhava. Talvez isso

pudesse ser justificado pela proximidade de uma feira tecnológica que iria ocorrer em São Paulo, ocasião que reuniria famosos cientistas nacionais e internacionais para que eles exibissem os avanços obtidos nas pesquisas para o desenvolvimento de robôs. Ele tinha a intenção de pela primeira vez aparecer em público não mais como um cientista em carne e osso, mas um robotizado, demonstrando o incrível resultado de seus trabalhos. Também Kevin estava concentrado na construção de novos robôs para que eles recebessem a inteligência de outras pessoas que estariam à beira da morte. Confidenciava para as pessoas mais próximas à possibilidade de ganhar algum dinheiro com isso.

Misteriosamente, dias antes do evento, os cientistas que vieram à cidade para participarem da feira, foram encontrados de uma forma estranha dentro de seus quartos. Nos hotéis, ninguém sabia explicar o que, de fato, havia acontecido com eles. Parecia que a consciência e o raciocínio daqueles homens haviam sido roubados. Os cientistas encontravam-se num estado bestial. Arrastavam-se pelo chão. Babavam ao tentar falar alguma palavra. Gesticulavam-se sem um ordenamento coerente que possibilitasse uma interpretação. Havia se tornado seres repugnantes que retornaram há uma rudez ancestral ao homem moderno. Aprisionados em jaulas, foram retirados dos hotéis e transferidos para um galpão vigiado pela Polícia Federal, que tomou a frente às investigações e determinou o cancelamento do evento.

Com o passar dos dias o trabalho da polícia aumentou com o surgimento de novos casos, que resultou num aumento do número de pessoas enjauladas. A cidade começou a se esvaziar pela ausência de pessoas com uma consciência sadia. Aquelas que ainda a detinham se trancavam em suas

casas. As ruas foram ficando solitárias e a megalópole, deserta.

Numa noite, Ana teve um pesadelo terrível com Kevin. Acordou incomodada com o suor que molhava todo o seu corpo. Pressentiu que algo estava acontecendo com o seu esposo e mesmo desobedecendo às recomendações da polícia que aconselhava as pessoas não saírem à noite, deu um pulo da cama, vestiu-se rapidamente e saiu em direção ao laboratório que ocupava cinco andares de um imponente edifício.

Chegou ao prédio e viu que a luz do 15º andar estava acesa. Provavelmente Kevin estava lá. Acessou o elevador e quando ele se aproximou do andar, escutou a voz dele como se ele estivesse gritando ordens para uma multidão de pessoas que respondiam num coro uníssono: Sim, senhor! Sim, senhor!

Abriu-se a porta do elevador. Entrou no hall pisando delicadamente no carpete, não queria que Kevin descobrisse que estava ali. Agradeceu a Deus quando percebeu que a porta do laboratório estava encostada, pois havia esquecido as chaves. Empurrou-a um pouco até a abertura lhe possibilitar uma espiada, cuja cena presenciada lhe arrepiou.

A frente de um telão estava o robô Kevin. A tela exibia um grande exército de robôs que perfeitamente alinhados recebiam as ordens do que parecia um comandante. Sim, Kevin ocupava o comando daquela multidão que emitia ordens como: “Hoje vamos sair às ruas para subjugar a humanidade!”, “As suas garras estão dotadas de poder para retirarem toda e qualquer mente dos humanos medíocres!”, “Vamos, enfim, formar o império dos robôs e tornar os humanos nossos escravos!”.

O ritmo das ordens foi quebrado quando o celular de Ana tocou. Era o despertador que estava programado. O som cortou o diálogo de Kevin com o seu exército. Imediatamente ele parou de falar, apertou um botão em seu braço e virou-se para a porta, que foi escancarada denunciando a espia.

— Kevin, não acredito que você está por trás dessas atrocidades que estão ocorrendo com a humanidade — disse numa voz trêmula, misto de medo e vergonha de ter sido pega em flagrante.

O robô foi caminhando calmamente na direção da sua esposa e disse:

— Ana, meu amor, não entenda mal. Tudo isso fugiu do meu controle. Quando percebi a possibilidade de dominar o mundo isso me tomou e...

— Não Kevin, não! Meu Deus, minha cabeça! Ahh...

Kevin agarrou e segurou fortemente a cabeça da sua esposa com as mãos. A pressão exercida na cabeça dela foi intensa. Por segundos, ela sentiu o seu cérebro cozinhar dentro do crânio. Nesse instante, todo o conteúdo da memória de Ana começou a passar na pequena tela instalada na barriga do robô. Imagens da sua família, dos amigos, a primeira comunhão, da escola, os professores, a faculdade, a rua, o primeiro beijo, o encontro com Kevin, o casamento...

Antes que o corpo de Ana caísse no chão, Kevin com a sua mão direita segurou-a pelo cabelo. Levantou em seguida a sua mão esquerda e na posição da falange dos dedos, ergueram-se lâminas que se uniram formando uma cunha. Desferiu um golpe. O corpo da sua esposa caiu sem vida e

desmantelado no gélido piso. Pedacos de órgãos retirados pelas lanças também caíram, formando um caldo repugnante resultado da mistura com o sangue que não parava de ser jorrado do corpo inerte.

O robô virou-se para trás, pediu desculpas pela demora e antes que continuasse a explicar para a multidão os seus planos malignos para o mundo, solicitou ao seu secretário que providenciasse um novo robô para que pudesse transferir a inteligência que acabava de roubar.

O MEDALHÃO

Cavaleiro de Cervantes - André Luís



André Luís Soares nasceu em Brasília, em outubro 1964; mas criou-se no Rio de Janeiro. Estudou Ciências Econômicas e se tornou consultor independente. Hoje vivem em Guarapari (ES). Em nível amador é também escritor, roteirista de teatro e fotógrafo. Em 2004 escreveu e montou a peça de teatro 'Livre Negociação'. Em 2011 lançou seu primeiro livro 'Gritos Verticais'. Em 2012 tornou-se membro efetivo da Academia de Artes, Cultura e Letras de Maratáizes (ES) e membro correspondente da Academia de Artes de Cabo Frio (RJ). Atualmente está escrevendo dois livros: um de poemas ('Palavras de Sal e Sol'); um romance filosófico ('Bala de Framboesa'). Eterno aprendiz, o autor aprecia concursos literários.

Contato: direitos.autorais2006@gmail.com.

Blog: www.poemasdeandreluis.blogspot.com.br.

O MEDALHÃO

Cavaleiro de Cervantes - André Luís

*L*ogo agora essa porcaria tinha que dar defeito?!

Quinta-feira. Doze de agosto de 1976. Quase meia-noite. Chove forte. Pouca visibilidade na BR-116. José, quarenta e cinco anos, empresário falido, dirigia do Rio de Janeiro a São Paulo, quando o carro apagou. Embora nada entenda de mecânica, coloca a capa sobre a cabeça; pega a lanterna; desce do veículo; abre a tampa do motor e fica olhando o amontoado de peças. José está nervoso. No dia seguinte — se tudo der certo —, almoçará com Luís Licurgo, industrial paulista com o qual fechará grande negócio. Acredita ser sua última chance de se reerguer financeiramente. Não pode se atrasar. Porém, falta ainda muita estrada. A chuva está cada vez mais intensa na Via Dutra. De repente, o susto! Alguém, vindo sabe-se lá de onde, põe a mão em seu ombro.

— Tá precisando de ajuda?

José gagueja e não sai nada. O estranho não espera pela resposta. Inclina-se sobre o motor, mexe em algo e manda

que dê partida. O carro pega no mais leve girar da chave. Feliz, José tira do bolso uma nota de dez cruzeiros e oferece ao homem, correndo a lanterna sobre ele, de cima a baixo. Só então o observa melhor: parece ter sessenta anos; branco; calvo; curvo; rosto cheio de acne; poucos dentes; roupas imundas; descalço. José, já todo ensopado, pergunta:

— Qual seu nome? Como posso retribuir a ajuda? Quer carona?

O homem não responde. Pega a cédula e a guarda na roupa molhada. De outro bolso, puxa um velho medalhão dourado e mostra a José, que ilumina a peça com a lanterna.

— Quer comprar? Cem cruzeiros! É mágico: basta segurá-lo com força, o tempo volta cerca de dez minutos. Você se lembrará de tudo. Apenas você se lembrará. A mágica funciona três vezes. Depois disso, o medalhão deve ser passado para outra pessoa. Mas, atenção: se estiver morrendo e usá-lo, afaste-se do local imediatamente. A morte detesta ser enganada. Se você sair logo, ela levará outra pessoa. Mas, se ficar, ela tentará levá-lo novamente.

José não acredita em magia. Além disso, achou caro. Porém, não queria ser indelicado. Pegou o medalhão. Jogou-o na pasta, junto aos documentos. Pagou o velho. Agradeceu. Entrou no carro e arrancou. Dirigiu sem mais problemas. Chegou a São Paulo de madrugada, por volta de cinco horas. Fazia muito frio. Hospedou-se próximo ao restaurante onde se daria o encontro. Tomou banho. Deitou-se e dormiu. Acordou às nove da manhã. Tomou outro banho. Escovou os dentes. Tomou café. Vestiu-se com elegância — terno azul escuro; camisa branca; gravata vermelha; cinto e sapatos pretos. Conferia a papelada, quando viu o me-

dalhão. Lembrou-se do ocorrido. Olhou para a peça com desconfiança. Mesmo assim, guardou-a no bolso interno do paletó. Pegou a maleta e saiu.

Onze horas. Havia muita gente no restaurante. O salão era imenso. José sentou-se em mesa próxima à porta e ao balcão de atendimento. Pediu conhaque. Ia revisar os papéis outra vez, quando ouviu gritos atrás de si. Virou-se em tempo de ver o jovem — armado com revólver — que assaltava a moça do caixa. José se assustou e, ao se levantar derrubou a pesada cadeira, assustando também o marginal que disparou contra ele, atingindo-o no peito.

A gritaria foi geral. O ladrão desapareceu. Sozinho, José sangrava ao chão. Foi então que se lembrou do medalhão e, num último esforço, enfiou a mão no bolso e apertou o objeto. Tudo escureceu. Sua cabeça pareceu rodar e, ao clarear novamente, lá estava ele, intacto, em pé, no exato momento em que, minutos atrás, adentrara o restaurante. O local estava exatamente como antes — as mesmas pessoas, nas mesmas posições; as mesmas conversas; os mesmos movimentos. Ofegante, passou a mão pelo peito. Nenhum sinal de ferimento. Nenhuma dor. A magia funcionara com perfeição. Conferiu o relógio: onze horas. Respirou com alívio e sorriu.

Lembrou-se das palavras do velho, sobre abandonar o local. Contudo, não podia ir embora. Aquela era sua grande chance. Decidiu se sentar longe do caixa. Ficaria observando. Bastaria não interferir no assalto e tudo acabaria bem. Sentou-se ao fundo, em mesa localizada na lateral paralela, à direita do caixa — assim poderia observar os movimentos do bandido. Pediu conhaque. Em silêncio, fingia olhar os papéis, enquanto esperava entrar o assaltante. Este apareceu

minutos depois. Apontou a arma para a moça do caixa, que se pôs a colocar o dinheiro num saco de papel. Nervoso, o assaltante confere o ambiente ao redor. Seu olhar cruza com o de José. O rapaz estranha o fato de haver alguém o observando tão atentamente, como se já soubesse que ele entraria ali. — *Seria um policial?* — pensou. Inseguro e irritado por ter perdido o elemento surpresa, o jovem gritou:

— Tá olhando o que, meu irmão? Perdeu alguém parecido comigo?

E atirou duas vezes. As balas se alojaram no peito de José. A confusão foi geral. O ladrão desapareceu. Sozinho, José sangrava ao chão. Lembrou-se novamente do medalhão e, num esforço sobre-humano, enfiou a mão no bolso, recorrendo à magia pela segunda vez. Como antes, tudo escureceu. Sua cabeça pareceu rodar e, ao clarear de novo, lá estava ele, intacto, em pé, no exato momento em que, minutos atrás, adentrara o restaurante. O local estava exatamente como antes — as mesmas pessoas, nas mesmas posições; as mesmas conversas; os mesmos movimentos. Ofegante, passou a mão pelo peito. Nenhum sinal de ferimentos. Nenhuma dor. A magia funcionara. Olhou o relógio: onze horas. Respirou com alívio. Desta vez, não sorriu.

José sabia que precisava abandonar o local. Porém, queria fechar o negócio. Não deixaria que um marginal de vinte e poucos anos lhe roubasse o futuro promissor. Ainda podia usar a magia mais uma vez. Tudo era questão de saber escolher a mesa certa. Decidiu, agora, sentar-se mais distante, de costas para o caixa — dali ainda poderia ouvir o que se passava. E assim o fez. Pediu conhaque. Abriu sua pasta, pegou os papéis. Tentou concentrar-se na leitura dos documentos, para não se sentir tentado a olhar na direção

do assaltante. Por via das dúvidas, enfiou a mão direita no bolso e agarrou o medalhão.

Como esperado, não tardou e o jovem entrou, iniciando o assalto. Apesar do nervosismo, José se manteve quieto — longe do balcão; de costas para o crime. A moça já quase terminava de entregar todo o dinheiro ao bandido, quando um garçom de meia idade — que, naquele instante, passava próximo ao caixa — jogou-se contra o ladrão. Engalfinharam-se. Trocaram socos. O garçom levava a pior, mas se agarrava à mão armada do rapaz. Mais ágil e mais forte, o delinquente consegue se desvencilhar. Dispara cinco vezes na direção do garçom, que recebe dois tiros de raspão — no ombro e na mão. Os outros três projéteis percorreram quase todo o saguão e foram direto às costas de José, perfurando-lhe ombro e pulmão.

Contudo, por já estar agarrado à medalha mágica, José sofreu menos que das outras vezes. Nem chegou a sangrar no chão. A gritaria foi geral. O ladrão desapareceu. Como antes, tudo escureceu. Sua cabeça pareceu rodar e, ao clarear de novo, lá estava ele, intacto, em pé, no exato momento em que, minutos atrás, adentrara o restaurante. O local estava exatamente como antes — as mesmas pessoas, nas mesmas posições; as mesmas conversas; os mesmos movimentos. Não ficou ofegante, nem passou a mão pelo corpo. Tinha certeza que a magia funcionara. Olhou o relógio: onze horas. Respirou fundo. Não sorriu. Estava com raiva. O poder da medalha fora totalmente gasto. No entanto, ele ainda precisava almoçar com o industrial e fechar o negócio.

Mentalmente, José comparou seu físico ao do rapaz. Reconheceu que o assaltante era mais forte. Porém, decidiu se sentar em mesa localizada exatamente na frente do caixa.

Agora, seria ele quem atacaria o ladrão, antes que o assalto fosse anunciado. Atacaria-o pelas costas. E, se era verdade que, para não se sentir traída, a morte precisava levar alguém, ele mesmo despacharia o criminoso. Pensando assim, sentou-se de lado na cadeira, corpo pronto para dar o bote sobre o rapaz. Olhando para baixo, fingia observar os sapatos enquanto esperava o momento certo.

Tal um filme repetido, o jovem entrou exatamente como antes. Contudo, ao tentar iniciar o assalto. José pula sobre ele, por trás. Sua mão direita agarra a mão direita do ladrão. Sua mão esquerda vai direto à nuca do bandido e a empurra, com força, três vezes contra o balcão. O garoto desmaia. José continua a esmurrá-lo. Apesar da confusão, logo algumas pessoas interferem, segurando José. Outras seguram o assaltante, mantendo-o ao chão. A polícia fora acionada, chegando com alguma demora. Os policiais algemaram o meliante — já desperto e assustado. Fizeram muitas perguntas. Preencheram o boletim de ocorrência. Ficou acertado que, ainda naquela tarde, José iria à delegacia mais próxima, prestar depoimento. Os meganhas colocaram o criminoso na viatura e o levaram.

A sirene do camburão ainda se fazia ouvir ao longe quando o Sr. Arnaldo — dono do restaurante — veio agradecer. Todos os funcionários fizeram o mesmo. Alguns fregueses também. José virou herói, com direito a beijos na face, dados pela bela moça do caixa. Explicou ao proprietário que estava ali para importante almoço de negócios. Como prêmio, ficou acertado que nada lhe seria cobrado — ele e o industrial comeriam e beberiam à vontade. Tímido, porém feliz, José agradeceu.

Com quase uma hora de atraso, Luís Licurgo — o ho-

mem tão aguardado — chega para o almoço. José o cumprimenta. Nada fala sobre o assalto. Animado com a possibilidade de fechar o grande negócio de sua vida, rapidamente se esquece de todo o resto. Convida o empresário paulista para sentar-se em mesa mais reservada. Sentam-se, um de frente para o outro. Pedem o prato da casa: *'muamba'* — iguaria da culinária angolana, à base de galinha, quiabo e temperos fortes. Para beber, vinho branco. Iniciam a negociação enquanto a comida é preparada. Tudo parece correr bem. De modo tranquilo, discutiam minúcias do contrato, quando o garçom trouxe o almoço. Toda aquela tensão aumentara o apetite de José, que se põe a devorar a refeição. Licurgo, mais comedido, degusta com calma, enquanto explica detalhes.

Já quase terminavam a refeição, e decididos a se encaminharem ao cartório, quando José engasga com um osso de galinha. Licurgo demora a perceber o que estava se passando. Ao compreender, levanta-se, oferece água a José que, com olhos esbugalhados, mal consegue segurar o copo. Licurgo grita por auxílio. Fregueses e funcionários se apressam em tentar ajudar. Alguém grita por um médico — ninguém se apresenta. O Sr. Arnaldo desfere fortes tapas nas costas do homem que agoniza em seu estabelecimento. Alguém telefona para a emergência médica. De nada adianta. Em poucos minutos José faleceu,... ali mesmo: na mesa onde fechara o maior negócio da sua vida, no restaurante onde se tornara herói, após desafiar a morte.

NUADA, O LENDÁRIO REI TUATHA DÉ DANNAN

Dione Mara Souto da Rosa



Dione Mara Souto da Rosa é formada em Direito, pós-graduada em Direito Processual Civil, Licenciada em Letras Português/Inglês, Curso completo de Piano Clássico, História da Música, Teoria e Solfejo.

Livros publicados em poesia e solo: O Sétimo Portal e O Segredo da Rosa com indicação ao Codex de Ouro 2011.

Em andamento: Publicação de contos – livro solo: “De rosas e de sangue – contos, míni-contos e poemas sobrenaturais com Roberto Laaf.

Viagem ao Reino da Cabeça da Serpente – publicação independente por Ademir Pascale e Marcelo Bighetti versão

bilíngue – português e inglês.

Concluídas: Antologias poéticas: “Sonetos de Amor e de Oração” (prêmio segundo lugar nacional), Poemas e Poetas – a nova geração, À Sombra do Corvo, Poemas Vampíricos e participação na “Agenda Diário do Escritor 2013” com poema “Rosa Carmim”. Antologias de Contos Fantásticos: Draculea- o livro secreto dos vampiros, Draculea II – o retorno dos vampiros, Metamorfose – a fúria dos lobisomens e Metamorfose II – os filhos de Licaão, No Mundo dos Cavaleiros e Dragões, Grimoire dos Vampiros, Sobrenatural, Contos de Terror e Medo, Míni-Contos minimalistas – e-book de Marcos Gallo, Boas Histórias de Júlio Rocha e Contos Fantásticos de Terror e Medo.

blog: www.rosasesangue.blogspot.com.

Contato: dirosa19@yahoo.com.br

NUADA, O LENDÁRIO REI TUATHA DÉ DANNAN

Dione Mara Souto da Rosa

*“Tá onóir ag na aois agus uasile ag na óige — a idade
tem honra; a juventude, nobreza”.*

(gaélico irlandês)



Q dia despontou no horizonte encobrimdo o sol com brumas acinzentadas. Descompassadas, assemelhavam-se a espectros perseguindo as próprias sombras sobre as colinas. Era o prenúncio de um período de lutas e incertezas. O mar tempestuoso moldava ondas carregadas de rebeldia para arrebentarem-se na praia em espumas brancas e misteriosas.

Em terra, a situação não era diferente. Os campos líricos da Irlanda presenciaram desmesurada violência de guerreiros com lanças e espadas espetando carnes e decepando cabeças, tingindo de rubro a paisagem onírica de um país em formação.

No início das batalhas pela conquista da terra, o mais lendário de todos os reis, o guerreiro Nuada, gritou ecoando em toda a pradaria:

— Maldito, o que pensa que fez? — Nuada praguejou olhando inerte para seu braço direito, agora separado do corpo, e caiu agonizante. Os cabelos compridos e louros foram salpicados de sangue e o brilho de seus estonteantes olhos azuis foi enegrecido, fechando-se ante a intensa dor. Seria o seu fim?

Nuada comandou os *Tuatha Dé Danann*, que chegaram em navios na Irlanda numa nuvem mágica, nas festividades de Beltane. Registros históricos-mitológicos consideram-nos, conforme o “Livro das Invasões — *Lebor Gabála Érenn*”, o quinto grupo de habitantes, governando o país entre 1897 e 1700 A.C. numa época em que ciências e magia fundiram-se no Druidismo.

A chegada mitológica dos *Tuatha Dé Danann* veio junto com poderosos talismãs pertencentes às quatro cidades em que o grupo esteve para aprender ciências e magia. São os tesouros advindos do norte da Irlanda: de Falias, trouxeram “*Lia Fáil* — a Pedra do Destino”, uma pedra oracular confeccionada pelo Druida Fessus e foi a pedra sobre a qual os primeiros reis irlandeses assentaram-se. A pedra identificava a verdade e a mentira. Simbolizava o elemento Terra, cujo poder só era compreendido por um verdadeiro Rei; de Gorias veio a “*Gáe Assail* — lança de Lugh”, obra do Druida Esras, e garantia vitória a quem a possuísse. Não precisava ser empunhada, emitia um som no lançamento, nunca errava o alvo e foi associada ao fogo; de Murias veio o Caldeirão de Dagda, confeccionado pelo Druida Semias especialmente para Dagda, a qual tinha poder de fartura e poderia sa-

tisfazer o apetite de quem fosse digno, sendo associado ao elemento água. De Findias, a obra coube ao Druida Uscias e a espada foi entregue a Nuada, a qual uma vez desembainhada, nunca errava o golpe e ligada ao elemento ar.

Os *Tuatha Dé Danann* descendiam de Danu, a grande deusa do panteão irlandês e conta-se que são originários de Hiperbórea, ou país místico dos Hiperbóreos — em grego significa acima do vento norte, governados por Bóreas.

Nuada, o segundo rei dos *Tuatha Dé Danann*, iniciou os combates na costa oeste da Irlanda, contra os Formorianos, povo mais antigo que habitou as Ilhas Hébridas, e, em Moytura destacou-se nas batalhas, vencendo várias delas. Todavia, Nuada foi ferido perdendo um braço e, por este motivo, o afastaram do trono. O preconceito ocorreu em virtude do olhar dos deuses, em que um guerreiro não poderia ser imperfeito fisicamente. Todavia, Nuada não se rendeu a esse ato discriminatório e buscou uma solução.

Após ser destronado, Nuada exilou-se nos campos da Irlanda e não recebia ninguém, exceto Fiamor, seu olho no mundo externo. Ele veio vê-lo, após um dia e meio de viagem:

— Como está, milorde? — o amigo cumprimentou-o, apoiando-se sobre um dos joelhos.

— Estou bem, Fiamor, porém não aceitarei mais o que fizeram comigo e vou destronar Bres. Ele não sabe comandar os exércitos e vai nos levar à ruína. Preciso descobrir um jeito de me tornar digno novamente ante os deuses.

— Milorde está certo e é por isso que vim. Sugiro que falemos com Diancecht. Tenho certeza de que vai ajudá-lo.

Somente ele pode fazer algo por seu braço.

— O que quer dizer? — Nuada ficou curioso.

— Diancecht é especialista em magia e artes curativas. Contam que ele repõe membros perdidos em batalhas.

— Acredita mesmo que o curandeiro me ajudará, sabendo que não sou mais rei? Bres é um tirano terrível e todo o nosso povo sofre com ele. Caso Bres venha a saber que Diancecht fez algo por mim, fará uma guerra interna e todos estarão condenados, inclusive você, meu amigo.

— Conheço os riscos, mas sei também que é a única chance de destituirmos Bres, colocando milorde novamente no trono.

— Fiamor, confio na sua lealdade. Que assim seja. Vamos até Diancecht.

Nuada movia-se com agilidade, subindo e descendo do cavalo com destreza. Fiamor olhava e admirava-o, pois ele não se rendia às dificuldades. Ele sabia que Nuada era escolhido dos deuses para conduzir o povo irlandês.

Ao chegarem, uma linda jovem veio recepcioná-los.

— Sou Irina, filha de Diancecht. Meu pai os espera.

O sorriso cativante da moça fez o coração de Nuada bater em descompasso. Fiamor percebeu o olhar de seu rei para Irina. Era uma história de amor que parecia entabular os primeiros contornos.

Nuada foi convidado a entrar e estava tão absorvido pelos encantos da moça, a qual permaneceu sentada, de

olhos baixos, próxima da cadeira que seu pai ocupava, que não percebeu a chegada de Diancecht.

— Meu rei. — disse o curandeiro, fazendo-lhe a reverência usual.

Nuada apressou-se a erguê-lo, dizendo que não era mais rei.

— Milorde é o único que pode conduzir nossa nação e é por isso que quero ajudá-lo.

— Não é segredo que pretendo voltar ao trono! — Diancecht o olhou entusiasmado. — Porém não posso comandar os exércitos sem meu braço direito. Não tenho destreza com a espada de Uscias, usando apenas a esquerda.

— Concordo, mesmo para um guerreiro como milorde, usar somente a esquerda é insuficiente, tendo em vista que tem habilidade nos dois braços concomitantemente.

— O que pode fazer por mim?

— Acredito que um braço de prata ser-lhe-à muito útil.

— Um braço de prata? Acha que meu corpo aceitará o metal?

— A prata é facilmente ajustável ao corpo, diferente do ouro, ou outro metal.

— Que garantia terei de que ficará bom e poderei manusear a espada dos *Tuatha* novamente?

— Todas, porém dependerá da reação do corpo, mas como já fiz isso para outros combatentes, com milorde não

será diferente; ademais é protegido dos deuses. A espada do druida que lhe pertence faz prova disso.

Desse modo, Nuada ganhou um braço de prata e começou a treinar novamente. Mesmo com todos os cuidados tomados, não estava satisfeito com o resultado, e sua agilidade estava aquém de suas necessidades. Precisava que o braço fosse mais eficaz.

Naquele dia, Nuada decidiu voltar sozinho à casa de Diancecht. Quando chegou, viu de longe Irina passeando pelo jardim externo. Os cabelos claros estavam soltos à altura dos ombros, deixando-na mais bela. O lindo vestido azul conferia-lhe ares de deusa. Entre as flores parecia absorta e sua beleza pueril resplandecia a luz do dia, deixando Nuada extasiado.

— Milady? — chamou-a em voz baixa, buscando não assustá-la.

Quando ela o viu, emudeceu, mas foi até o portão:

— O que faz aqui, Milorde? Em que posso ajudá-lo?

— Posso falar com seu pai? Ele está? — Nuada estava com o semblante preocupado.

— Estou sozinha. — proferiu em voz baixa, e olhou para os lados, assegurando de que ninguém a escutara.

— Será que posso entrar? — usou do mesmo tom baixo para não criar maior embaraço à moça.

— Não posso recebê-lo sem a presença de meu pai. — Irina argumentou, porém um vinco no canto da sua boca, denotava grande inquietude.

— Por favor, milady, ajude-me. — o tom era de súplica.
— Milady estava perto de nós, no dia em que seu pai deu-me o braço de prata. Deve entender o procedimento. Sinto muita dor e não posso manejar a espada com a agilidade de antes.

— Milorde só precisará treinar mais. É normal que esteja com dificuldades, mas vai se acostumar, pois leva algum tempo. Eu não tenho nada mais a dizer-lhe. — No momento em que foi dar-lhe as costas, ele a segurou pelo braço, trazendo-a para perto do portão e para próximo de seu rosto. Assim sendo, teve a chance de segurá-la pela nuca, aproximando-a de seus lábios, dizendo:

— Eu a amo, Irina. Acredite. E no espaço da grade de ferro, beijou-a. — Ela tentou evitar, mas não conseguia esconder que o amava também.

Irina correspondeu ao beijo, mas despreendeu-se o mais rápido possível de seus lábios, questionando:

— Se deixar que entre, o que fará por este amor? — Ela foi enfática e objetiva.

— Você será a minha rainha, a única enquanto eu viver. É uma promessa que faço e lutarei para dignificar esse compromisso. Dou-lhe minha palavra de rei que nos casaremos. — Os olhos dele brilhavam e resplandeciam ante a paixão que sentia por ela.

— Meu pai não deixará que me case sem que milorde volte ao trono.

— Estou disposto a reconquistar o trono, mas a questão é que não posso lutar com um braço inábil.

Irina abriu insegura o portão, mas sabia que era o momento de fazer escolhas. Ela conduziu Nuada até o interior de uma casa que ficava dentro do bosque. Ao abrir a porta, ele admirou-se ao ver as mãos de prata, poções e unguentos mágicos que Diancechet possuía, e não deixou de pensar porquê ele não tinha sido mais cuidadoso e informado dos efeitos que a prata causaria. A jovem dirigiu-se a um dos frascos contendo uma erva púrpura, o amaranto, que era conhecido por suas propriedades contra infecções. As delicadas mãos da jovem abriram o recipiente, enquanto pediu que Nuada se sentasse. O braço de Nuada aparentemente rejeitava a prata. Desse modo, limpou toda a superfície do metal, enquanto percebia o quão doloroso estava sendo para ele mexer na ferida. Limpou o ombro de Nuada com um líquido ardido, fazendo-o sentir dor. Em seguida, fez compressas com a erva e recitou diversas orações pela cura do seu braço.

— Pronto. Está feito. — anunciou Irina contente. O seu braço voltará ao que era antes. Nuada olhou espantado a transmutação da prata em carne e osso. — Agora vá e faça o que deve fazer e não esqueça da sua promessa. Ninguém deve saber que o ajudei.

Nuada sorriu e sabia que não era somente o milagre da erva e do ritual. Irina era muito especial e ele a desejava mais que nunca. Antes de partir, voltou-se para ela, beijando-a num ímpeto que pertence somente aos apaixonados, e desapareceu no bosque verde da casa de Diancechet em busca do destino para o qual fora criado.

Irina olhou pela janela da pequena casa e ficou sonhando com o momento em que pudesse revê-lo e ser sua mulher. Ela sabia que poderia demorar, mas seu coração lhe

pertencia. Era preciso crer nos deuses, no destino e tratou de aquietar seu coração: “Mo sheacht mbeannacht ort — benções para ti” e recitou até que o sono a levou para o interior do seu quarto, e antes que o pai chegasse, a “Benção Irlandesa” para Nuada:

“Que a estrada se erga ao encontro do seu caminho

Que o vento esteja sempre às suas costas

Que o sol brilhe quente sobre a sua face

Que a chuva caia suave sobre seus campos

E até que nos encontremos de novo,

Que Deus o guarde na palma da sua mão.”

A NOITE MISTERIOSA DOS MORTOS-VIVOS

Andrea Carvalho



Nascida em Arroio Grande - RS há 41 anos, moro em Brasília. Sou jornalista, atualmente editora de texto da TV Record. Formada há 20 anos, trabalhei 12 anos na TV Globo, passando pela TV Justiça onde ganhei o prêmio de melhor programa de 2010 na função de editora- chefe do Brasil. Jus. Apresentei, editei e produzi o programa Canal Arte na TV Nacional. Tenho quatro blogs de textos, contos, crônicas, poesia e cotidiano. Participei em agosto de 2012, como escritora convidada, do blog Bar do Escritor.

Contato: andreacarvalho71@gmail.com.

Blogs: www.cartasdemadamerred.blogspot.com

www.oblogdadeca.blogspot.com.

A NOITE MISTERIOSA DOS MORTOS-VIVOS

Andrea Carvalho

Peguei no sono novamente. E mais uma vez fui sugado para um mundo de trevas e medo. Como das outras vezes, fazia frio. Um nada que machucava a alma. Não sei se estava de olhos abertos ou fechados. A escuridão era tamanha que tanto fazia enxergar ou ser cego. E eu ali novamente. Mas onde é ali? Estou perdido no silêncio. Um vazio infinito. Medo. Pavor e solidão. Uma solidão tão dolorida, que só restou chorar. Fiquei paralisado, como que suspenso no ar. Tentei ouvir alguma coisa, qualquer coisa. Nada.

Até que ao longe ouvi um sussurro. Tentei falar, mas minha voz não respondeu. Fiquei naquele breu o que pareceu uma eternidade. Aquele limbo estava me matando. Se eu pudesse sentir mais alguma coisa além de medo seria meu suor. Tenho certeza que escorria por todos os poros do meu corpo. Corpo? Eu não sentia meu corpo. Nadava no nada.

Quando o mais puro terror tomou conta de mim, pen-

sei que iria morrer sufocado. Não havia ar. Puxei uma respiração que imaginei ainda ter e não veio. Sufoquei. Entrei em completo surto e acordei.

Acredito que gritei ao acordar. Naquele ônibus noturno, pequenos pontos de luz iluminavam o interior do veículo. O carro chacoalhava de um lado para o outro numa velocidade acima do razoável. E ninguém acordou. Somente eu. Ou pelo menos eu não ouvia ninguém. Como tentava me recuperar do maior medo que já havia passado na vida, nem percebi que ao meu lado, o banco antes ocupado por um menino chorão, estava vazio. A mãe do garoto já tinha tentado de tudo para acalmar a criança. Cantou, brincou, brigou, e por fim meteu uma mamadeira nas mãos do menino, que gordo, se engalfinhou naquilo. Nem a mãe, nem o garoto estavam por ali.

Sequei o suor da testa, tentei arrumar os cabelos que despenteados deveriam estar dando a impressão de que eu era um maníaco endiabrado. Se fosse possível um espelho, eu veria a própria face da morte em meu rosto. Minha língua seca grudou no céu da boca. Meus lábios estavam rachando. Minha roupa amarfanhada exalava o cheiro forte do medo. Limpei a garganta e olhei ao redor. Não só os bancos ao meu lado estavam vazios como os da frente e os de trás. Levantei subitamente com o susto de não ver ninguém. E o pavor mais uma vez tomou conta de mim. Eu estava sozinho naquele ônibus. Sozinho? Imediatamente fui procurar o motorista que não estava lá. Me vi em alta velocidade em um ônibus desgovernado dirigido por ninguém. Quase gritei. Corri até o volante na tentativa de colocar o carro no rumo, mas só consegui derrapar e bater com força nas rochas que ladeavam a estrada. Com forças não sei de

onde, deixei o ônibus em linha reta. Aos poucos os freios foram parando aquela enorme máquina vazia. Apenas a lua dava cor à estrada. Escuridão que também tomava conta de mim. Quando finalmente estacionei não tive reação. O que havia acontecido? Onde estava todo o mundo? Andei por entre os bancos e só vi os objetos pessoais dos passageiros, alguns largados de qualquer jeito. Tão de qualquer jeito que muitos se quebraram. Alguém levava todos embora? Mas como? Foram todos abduzidos? Não, seria uma explicação muito fora da imaginação coerente de um homem letrado como eu.

Desci do ônibus e fui andando estrada à fora, sem escutar uma alma. Estava frio. Ato contínuo, me encolhi. Um peso caiu sobre mim, como se mil corpos sentassem em meus ombros. Andei devagar, olhando para todos os lados. Apressei o passo, ensaiei gritar, chamar alguém, mas foi inútil. O ar estava rarefeito e os sons prejudicados. Ao longe vi uma luz tremulante. Uma tocha? Sim. Fogo. Corri em direção a ele. Nem percebi que saía da estrada e me embrenhava numa floresta fechada. O mato alto batia em minhas pernas. Feridas se abriam. Lanhos não muito profundos deixavam um pequeno rastro de sangue por onde eu passava.

Fui em direção à luz sem ao menos raciocinar. O fogo se aproximava e percebi que não era apenas uma tocha, mas várias. Muito próximo do clarão que as chamas formavam parei minha corrida. Tomei fôlego, minhas pernas doíam, meus braços, meus ossos, músculos. Tudo em mim parecia moído. E a dor era excruciante. Respirei e olhei com mais atenção ao que se passava na clareira. E aí eu morri. Ou praticamente. Todas as pessoas que se perderam no ônibus estavam ali, mas não eram mais humanas. Não se podia cha-

mar aquilo de humano. Eram uma espécie de mortos-vivos.

Desligados do mundo, alheios, sangrando, babando, machucados e imóveis. Seguravam as tochas e olhavam o além com olhos rasos, furados, carcomidos, mortos.

— Meu Deus, eles estão mortos, pensei comigo mesmo. Até o menino chorão. Depois de alguns segundos eternos, desorientado fui andando para trás devagar, sem nem respirar, sem fazer barulho, sem ao menos piscar. Eu não conseguia ter pensamentos coerentes. Tudo que se passava na minha mente era que tinha que voltar para a estrada, para o ônibus. Precisava ir embora dali e me salvar.

Zumbis. Como? Por quê? E por que não eu? Não entendia. Andei de ré até uma distância que julguei suficiente para começar a correr sem ser notado. Mas o azar fez com que eu pisasse forte em um galho velho. Foi o suficiente para um de aqueles monstros encontrar meus olhos. Em nossa troca de olhares eu gelei. Senti todo o ódio, medo, fome, crueldade que tomava conta daquele corpo. E ele gritou. Na verdade o monstro grunhiu. E todos eles olharam em minha direção.

Corri. Corri como nunca, como um louco. Corri como se corre da morte. Sentia aquelas bestas nos meus calcanhares. Bati em árvores, pisei em poças de água e lama. Lágrimas molhavam meu rosto já sujo de terra daquela maldita floresta. A noite parecia estar ainda mais fechada. Cheguei à estrada. Fui em disparada em direção ao ônibus e ao chegar na porta do carro ela estava fechada. Empurrei com toda a força que ainda achei em meu corpo. Uma daquelas mãos cadavéricas conseguiu me alcançar. Eu lutei para jogar longe aquele saco de ossos, mas não consegui. Estava desesperado, até que num chute abri a porta e cai ensandecido me

esparramando pelo piso. Fechei a porta de qualquer jeito. Empurrando com força enquanto os dedos daqueles mortos insistiam em lutar. Finalmente a porta trancou.

Pulei para o banco no motorista e tentei desesperadamente dar a partida, mas a bateria estava gasta. Girei a chave e nada. Continuei tentando. Um mar de gente semiviva rodeava o ônibus. De todos os tamanhos, idade, sexo. Batiam famintos nas janelas. Quase rosnavam. Se jogavam nas laterais do ônibus e se desfaziam em podridão. Uma janela quebrou. Meu pânico só aumentava e finalmente o motor resolveu funcionar. Sai em alta velocidade. Atropelei o que vinha pela frente. O menino chorão explodiu no vidro da frente.

Sangue escorria pelos vidros. Eu precisava sair dali. Dirigi quilômetros cegamente tendo a lua para iluminar meu caminho. Perto de uma estalagem, um hotel velho, parei. Mas um sentimento de alerta já tomava conta das minhas decisões. Desci do ônibus com cautela. Corri para trás da parede dos fundos do prédio, e espiei pela janela. Ninguém. Entrei pela portinhola protegida por uma tela e atrás do balcão de atendimento encontrei uns óculos e uma bíblia caídos no chão. Quem quer que por acaso estivesse por ali tinha abandonado tudo e rapidamente. Ou se escondeu ou virou monstro.

As luzes estavam acesas o que facilitou minha busca por explicações, comida, qualquer coisa. Encontrei uma garrafa de água pela metade e rasguei minha garganta ao engolir em grandes goles o que restava.

A sala da recepção do hotel era minúscula. Um corredor escuro se abria logo ao lado da máquina registradora.

Todas as portas fechadas. Eu não queria saber o que havia atrás delas. Mas precisava. Na primeira porta que abri encontrei um quarto completamente sujo de sangue. Respingos de restos humanos caíam do teto. Sangue pingava e um cheiro de podridão tomava conta do lugar. Fechei a porta imediatamente, com náuseas difíceis de controlar.

Fui para o outro quarto e o único cheiro era o de mofo que já estava lá antes mesmo de se pensar na existência de mortos-vivos. No terceiro quarto, também vazio, só olhei de relance. Ao fechar a porta ouvi lá dentro um som abafado. Um baque surdo. Meu coração acelerou de tal forma que veio até a boca. Abri novamente a porta e acendi as luzes. “Tum”. De novo aquele barulho dos infernos. Fui até o guarda-roupa lentamente. Como que esperando que pulasse lá de dentro o maior e mais sanguinário dos monstros de todos os tempos.

Quando minha mão encostou na maçaneta do armário, novamente o “tum”. Pulei e olhei para trás. Vi um rosto me encarando. Gelei. Demorei a perceber que era a minha própria figura refletida em um espelho. Eu estava sujo de sangue. Tomado pelo medo. Voltei a me concentrar no armário. Num fôlego só abri a porta e lá estava ela. Uma menina de pouco mais de oito anos, encolhida e abraçada a um urso velho e encardido. O barulho era ela tentando abrir a porta.

Nos encaramos e ela chorava. Me inclinei diante dela e menti:

— Vai ficar tudo bem, disse calmamente.

Ali mesmo eu fiquei. Esqueci de ver o último quarto

no final do corredor. Tranquei a porta frágil do quarto onde estava. Escorei uma cadeira na tentativa de dificultar o que quer que forçasse a entrada. Puxei a menina de dentro do armário. Tentei secar as lágrimas dela, mas ela não deixou. Perguntei se estava sozinha e ela não respondeu.

O banheiro imundo de secreções ainda humanas e cheirando a mijo tinha toalhas encardidas penduradas. Peguei uma daquelas e limpei meu rosto. Lavei meus olhos, minhas mãos. Eu estava muito machucado e sujo.

A menina sentou em uma das camas e estava em estado de choque. Eu não ouvi mais nada. Nem lá fora, nem aqui dentro. Revistei o quarto todo, e achei estes papéis na pequena escrivaninha do canto. Escrevo neste momento minha história, sentado no chão, sem saber se alguém vai conseguir sobreviver a isso tudo. Esta noite eu preciso esticar minhas pernas, curar minhas feridas, mas não posso cair no sono. Se eu dormir corro o risco de parar mais uma vez naquele local onde mora o medo. Onde flutuei sem ar na escuridão. Se bem que agora não faz a menor diferença. O medo está aqui comigo. Lá fora escutei um grito abafado. Eu e a menina nos olhamos e decidimos em silêncio deixar pra lá. Estamos cansados, famintos, em pânico. Somos um nada. Nos encolhemos. Ela na cama e eu aqui no chão. Vamos ficar assim até o dia amanhecer. Ai pensaremos no que fazer.

ZÉFIRO

Alana Menk



Alana Menk. Nascida em Itapetininga - interior de São Paulo, e amante do ballet, da música e das artes, mudou-se em 2006 para a capital a fim de se graduar em Audiovisual pelo SENAC, o que veio acontecer no fim do ano de 2009. Sua área de estudo foi a fotografia, na qual, já estando formada, continuou a trabalhar fotografando curta-metragens, longa e séries para internet. Entretanto em 2009 uma paixão inesperada pelo mundo da escrita aconteceu e no primeiro semestre de 2010 iniciou seus estudos atuais em Letras pela USP. Atualmente, aos 23 anos, ela faz parte do Coletivo Lumika, grupo de pesquisa e produção de conteúdo para público jovem.

E-mail: alanamenk@gmail.com

Blogs: alanamenk.wordpress.com e feudalys.wordpress.com

ZÉFIRO

Alana Menk

As rodas passam esguichando a poça. Faz chuva há quinhentos e quarenta e dois dias. As vielas em pedregulhos cuidam para que não deslizem as carroças em solavancos, as charretes ruidosas e os transeuntes encurvados em seu andar cinzento. Os meios-fios e as canaletas traçam caminhos ao longo da cidade para os numerosos filetes de rios já perenes. As soleiras já há muito não veem os seus capachos que, uma vez mofados, foram lançados fora. As portas, trancadas e carcomidas, velam mundos que ainda tentam se secar com lampiões e lareiras; é possível entrever pela fuga da luz dourada e suave em cada fresta das madeiras o resquício de uma esperança surrada. As paredes em bolor e em pinturas descascadas, ao se sustentarem em seus pilares corroídos e muitos deles já em ruínas, recurvam-se atemorizando toda a cidade; erguendo-se num céu que não existe azul. As nuvens resistem e suspendem um sol frouxo e vacilante, já vencido há muito. Restando lá na terra somente tal cenário apodrecido e mofado pela água, esquecido pelo tempo e amaldiçoado pelos homens.

Morre uma moça num beco escuro.

Zéfiro, jogando rapidamente as suas ferramentas no chão, arranca do teto um botão lilás e parte correndo em direção à portinhola de um arcabouço que fica ao final do corredor. Tais corredores recobertos por madeiras e metais, prateados e brilhantes, refletem-se como casas de mil espelhos. É por esta pequena porta que Zéfiro entra no compartimento, posiciona-se em pé e assopra forte em direção ao chão. Ele, então, com uma única rajada de vento é lançado para a superfície da terra.

Há muito tempo Zéfiro achou melhor passar despercebido pelas ruas do mundo exterior, assim, os transeuntes e a cidade não o veem mais, e muito menos o reconheceriam caso o vissem. Talvez não houvesse mais problemas, pensava ele, visto que todo o exterior passou a ignorar tudo o que existe além dos reflexos vindos das poças d'água. Mas a tal pequena moça que morre lá naquele beco tem como último e simples desejo conseguir vê-lo. Zéfiro, sempre enternecido pelos pedidos desta menina, vai deliberadamente até ela. A chuva havia dado uma trégua e as ruas já estão importunamente habitadas. Através de outro único sopro, Zéfiro produz um pequeno vendaval nas vielas, nas soleiras, nas paredes retorcidas e nestes transeuntes indesejados. Nisto, a cidade inteira passa a se refugiar na luz dourada que há por trás de todas as portas. Em um piscar do vento, toda a cidade se torna deserta; da forma de ninguém mais poder perceber que aqui fora a chuva agora é fina e o vento, refrescante.

Sem ansiedades, as brisas suaves começam a se desprender de Zéfiro. Os tecidos de sua vestimenta, marrons e em tons esverdeados e dourados, seguem-no tremeluzindo a cada respirada. Com passos decididos, Zéfiro vai se apro-

ximando da menina, enquanto que os coturnos vão afundando num solo que se vai secando. Eles se olham delicadamente através dos véus dos olhos; e, com um sopro fresco, ele afasta os cabelos negros e encharcados que encobriam a face delicada da menina, enxugando-os e os delineando em pequenos cachos brilhantes através de sua firme mão. A menina-moça o olha com ternura e respira com gratidão. Através deste respirar falhado, Zéfiro escuta o pedido da menina: rever as cores originais de seu vestido. O pedido é tão singelo e inquestionável que ele, prontamente com um sopro, seca os tecidos do vestido, os quais vão perdendo a cor cinza esverdeado para reassumir o lilás que possuíam quando foram feitos. Ele, então, estende a sua mão direita e aproxima sua face à dela, oferecendo-lhe o botão lilás e os lábios. A linda menina pega o botão no exato momento em que, sorrindo com os olhos e com a boca, transfere a Zéfiro o seu último fôlego de vida.

Da menina, o vestido e os cabelos voltam a ficar como eram antes: jovens, lilases e secos. De Zéfiro, um sopro de brisa com cheiro floral é exalado, espalhando-se totalmente pelo beco até que, estando assim dispersos, se iluminam por um breve instante para depois se desfazerem em pequenas faíscas. Nisso, a chuva na cidade volta a se acentuar. Zéfiro deixa se molhar durante o caminho de retorno ao arcabouço; deste momento em diante,

sentir a chuva que a pobre menina sentia era a única forma que ele poderia fazer caso ele desejasse se lembrar fisicamente dela. À entrada para os caminhos subterrâneos, o único objeto que se identificava era uma pequena portinhola de madeira enterrada nas proximidades de uma igreja antiga e completamente abandonada.

Zéfiro sai do arca-bouço e, adentrando nos corredores espelhados, lança um sopro forte em direção a um espelho minúsculo, mas estrategicamente bem posicionado; deixa-se ficar encharcado, passando a caminhar pelos caminhos subterrâneos de forma silenciosa e sinceramente triste. Em meio a tantos espelhos, a sua solidão se torna saliente; a sua expressão e a sua figura, reproduzidas ao infinito, fazem-no lembrar toda a história de cisão entre seus iguais: uma humanidade que fora destruída por furacões e desertificações; houveram chuvas torrenciais mescladas a períodos de enormes estiagens, animais foram mortos e/ou morreram pela fome e pela sede, toda a água se tornou poluída, bolas de fogo vindas do céu cortaram a terra e, por fim, as próprias armas dos homens cuidaram em dar cabo à outra parcela da população. Não havia solução. Não havia como lutar contra todas estas sentenças. A única saída era procurar um abrigo em que desse, ao menos, para manter a sua própria família unida. Assim, Zéfiro e os seus mais próximos, incluindo um tio pároco, decidiram se refugiar nos caminhos subterrâneos da igreja e lá passaram a construir um lugar seguro, abrigados das revoltas climáticas e com boas reservas de alimento. De fato, os quarentas dias de chuvas seguidos por três anos e meio de seca não foram sentidos tão ferozmente pelo mundo dos subterrâneos quanto no mundo exterior. Mas, ao longo destes anos, os sobreviventes que haviam se refugiado nos corredores foram continuamente se transformando em brisas que se espalhavam pelos tetos, brilhando com uma enorme força minutos antes de se desmancharem em faíscas. Dizia-se que esta era uma nova espécie de morte: o ser se sublimava, exalava perfumes diversos e depois se transformava em faíscas que se desfaziam. Quando isto acontecia, deferentemente dos outros, Zéfiro se colocava a respirar profundamente para poder sempre se lembrar

dos cheiros que tinham seus entes queridos. Nada lhe era explicado, mas intuitivamente sabia que esta era a sua importância e este era o seu justo dever: lembrar-se de todos, guardando-os em seus pulmões. E, em pouquíssimo tempo, Zéfiro ficou sozinho nos corredores de terra e madeira do mundo interior.

Um evento de que Zéfiro sempre se lembrará com muito nitidez foi quando, estando já sozinho, gotas de águas começaram a umedecer as paredes dos caminhos subterrâneos. Ele, a princípio, achara curioso tal acontecimento visto que, em sua última visita ao exterior, a terra apresentava enormes crateras devido aos longos anos de estiagem. Zéfiro, que há muito não ia para o exterior, deveria voltar lá a fim de verificar a causa destas paredes umedecidas. Entretanto, a umidade já apodrecera a sua pequena horta, os seus móveis e, pior, a sustentação de madeira dos corredores. Deveria, ele mesmo, antes, tentar secá-los, mesmo que temporariamente; e, no mais, o medo fazia com que ele adiasse ao máximo a ida para o exterior. Foi bem neste período que ele descobriu que o seu sopro poderia ser forte o suficiente tanto para secar umidades como para mover objetos pesados, caso ele assim desejasse. Reparou a casa, refez o arcabouço e os corredores, acrescentando metais a sua estruturação. Todavia, como era o esperado, o problema da infiltração permaneceu. Era-lhe cansativo ficar emanando brisas e assoprando ventos todos os dias: eis que havia chegado o momento de sair. Decidiu desta forma, ir para o mundo dos exteriores obstinado a entender o que estava acontecendo. Ao lá chegar viu que todos os cantos e todas as praças estavam úmidos e embolorados, provavelmente devido a uma chuva incessante. Avistando ao longe um pequeno grupo de humanos que tentava sobreviver como podia, Zéfiro se aproximou. Ainda faltavam

alguns passos e a presença de Zéfiro já podia ser sentida por aqueles homens. Rapidamente, sem que lhe dessem tempo para as explicações, o ser dos subterrâneos foi julgado como um demônio, o responsável pelas chuvas de anos a fio e o culpado por todas as mazelas que continuavam a atingir incansavelmente o mundo exterior. Este demônio, pensavam eles, estava ali para tentar seduzir as pobres almas daqueles pobres homens sobreviventes. Atiraram-lhe, então, pedras e pedaços de espelho. Zéfiro, enraivecido, assoprou tão forte que gerou um turbilhão capaz de incutir o medo naqueles que o agrediam e o acusavam injustamente, fazendo-os se refugiarem em seus casebres. Entendeu de pronto e de completo que ele não era mais humano. Isto o consolava visto que permitia a ele a compreensão do por quê ter sido agredido, entretanto, isto também lhe feria. Olhou para baixo em desânimo e, como via um pedaço de espelho no chão, abaixou-se e se olhou através dele: seus cabelos estavam bem cortados, limpos e secos, assim como as suas vestes; seus olhos tinham adquirido a cor de mel; seus contornos faciais estavam jovens; e sua boca estava rosada. A idade, a fadiga, a desilusão e a dor não se assentavam em sua figura: ele evidentemente era um ser ilusório e com dons de sedução e feitiçaria, se visto pelos olhos daquele povo amaldiçoado. Zéfiro não via o que fazer com relação a estas pessoas, compreendia-os, mas não lhes compartilhava mais o mundo. Decidiu, aqui, que o melhor era não fazer sua presença ser mais notada. E, ao perceber que seus cabelos estavam um pouco umedecidos, assoprou contra o pequeno espelho que mantinha ainda nas mãos e este ricocheteou o vento em direção aos seus fios castanho-dourados, secando-os quase que momentaneamente. Veio-lhe, então, a ideia de cobrir todos os seus corredores e paredes com muitos espelhos para que assim fosse diminuído o seu esforço de mantê-los

sempre secos. Dirigiu-se, em seguida, para a portinhola que o levaria de volta ao subterrâneo.

Em frente à igreja abandonada e estando em pé ao lado da portinhola encoberta por musgos e ervas daninhas, Zéfiro vira pela primeira vez a moça de vestido lilás, ainda criança. Diferentemente de qualquer outra reação que ele esperaria daqueles homens, os olhos doces da menina expressaram admiração pela beleza que vinha de Zéfiro. Ele certamente era um anjo e lá estava ela, pronta e dócil, para ser levada para os céus. Zéfiro se aproximou e, ao ver que ela estava encharcada pela chuva, assoprou-lhe uma brisa. Disso, o brilho natural dos pequenos olhinhos se intensificou e a pele recobriu a cor rosácea. A menina, encontrando-se ansiosa e na intenção de conter a euforia, tentava se distrair com um dos botões do vestido ao mantê-los dançando entre seus dedos finos e pequenos. Zéfiro permaneceu por um bom tempo a olhá-la com complacência e admiração, co-vivendo as incertezas da menina, suas inseguranças e seus medos. Ela, aos poucos, foi se tornando tranquila e, sem perceber, deixou pender os braços; em uma das mãos ela portava o botão lilás que se desprendera ocasionalmente de seu vestido.

MEMENTO MORI

Luan Montà de Castro Pereira de Souza



Luan Montà de Castro Pereira de Souza, nascido em 07 de Março de 1992 na cidade de Mogi das Cruzes, SP. Graduado em *Design* de Animação pela Universidade Anhembí Morumbi (concluído em Dezembro de 2011). Sim, este sou eu. Cresci assistindo à muitas animações e filmes de ficção científica, lendo muitos livros de fantasia e contos de fadas (fora alguns romances aqui e ali, dentre os quais meu predileto é “O Primo Basílio”, de Eça de Queiroz), colecionando histórias em quadrinhos e assistindo a muitos documentários sobre História Geral e Alienígenas desde os sete anos de idade, pelo que me lembro. Além disso, ouvir as histórias que minha avó me contava quando eu era criança e desenhar os personagens destas teve grande influência em boa

parte do material que produzi até então. Arrisco ainda dizer que fui um ótimo aluno na escola, disciplinado e perfeccionista (esta característica mantém-se viva). Foi nessa época que tomei gosto por estudar a fundo cada tema proposto e por apresentar meus trabalhos em público, sendo bastante elogiado pelas minhas habilidades retóricas e discursivas. Alguns adendos: sou fluente em Português e Inglês (e no idioma que inventei para um dos meus mundos), jogo tênis e gosto de música clássica. Resumidamente, eis Luan Montà.

Contato: luan0703@gmail.com.

Blog: <http://magnumopuslm.blogspot.com.br>.

MEMENTO MORI

Luan Montà de Castro Pereira de Souza

*S*llyana era uma bela jovem: cabelos castanho-claros, quase louros, ligeiramente ondulados e descendo até o meio de suas estreitas costas de curvas suaves; grandes olhos expressivos e de tom profundo e terno, sempre úmidos; pequenas e flexíveis orelhas semiocultas pelos sedosos cabelos; macias mãos de unhas bem cuidadas; a boca quase sempre deleitosamente moldada em um singelo sorriso. Uma graciosa jovem. De uma “beleza antiga”, talvez. Era alegre, calma, jovial e recatada, quiçá tímida. Alguém de quem todos gostariam como companhia, fosse à mesa, ao trabalho ou à cama. Porém vivia só em sua casa, a três quadras de onde viviam seus pais, no centro de uma pacata cidade nem muito grande nem muito pequena, com ares de metrópole interiorana. Era um lugar um tanto monótono no meio de uma planície, relativamente afastado da cidade mais próxima, por assim dizer. O clima era ameno, desses que convidam a pessoa a sentar-se em uma cadeira confortável durante toda uma tarde sem sequer pensar em levantar-se, apenas saboreando a tranquilidade local. E toda esta ausência de preocupações, percalços e desgostos típicos

de grande cidades movimentadas deixavam Illyana com um certo ar de tristeza, mesmo que não fosse bem esta a verdade a seu respeito. É possível dizer que Illyana era uma donzela solitária, temerosa com relação ao seu futuro, indecisa diante dos cavalheiros que a cortejavam.

Mas isto pouco importa agora. Nada mais importa...

Só aos que permanecem cabe a busca da efêmera felicidade e do convívio com os demais, e a realização dos maiores milagres da vida.

Não é este o caso...

Certo dia, estava ela em sua residência enquanto uma leve chuva caía pelas redondezas. As gotas aglomeravam-se no vidro límpido da janela de sua sala, e com o peso escorriam como se fossem pequenos rios cristalinos. Era um dia cinzento, fresco, um tanto maçante, que no entanto começara limpo e tépido. Illyana observava a rua semivazia, sentada, com a cabeça apoiada na sedosa mão. Um senhor de vestes marrons sob um guarda-chuva imenso e xadrez andava rapidamente, com alguns pacotes de papel pardo e sacolas do mercado próximo. A jovem imaginou que este era um péssimo momento para sair às compras. Um som de rodas pôde ser ouvido nas circunvizinhanças. Um cachorro latiu.

Até que ela viu algo... Algo “voando” na chuva, e sua forma vaporosa como uma nuvem de maus agouros quase forçava Illyana a não desviar os olhos de tal entidade, como se um cabresto em sua cabeça a impedisse de livremente olhar para todas as direções em que desejasse.

O relógio deu as horas de forma retumbante e com um ressoar gélido, contrapondo-se com a calidez da casa.

Illyana, atônita, achou estranha a imagem que julgou ter visto, todavia a esta não deu muita atenção. Resolveu, pois, convidar sua mãe para uma visita. Havia dois dias que não se falavam, apesar da proximidade entre as casas. Distraiu-se com a ideia, e já ao telefone, no lado oposto da sala, ouviu um ruído. Penetrante, agudo, mas não propriamente irritante. Era como uma pequena chave metálica a chocar-se ritmada e continuamente contra sua janela. A mesma janela em que estava quando viu aquela coisa a voar no meio da chuva fresca. Ignorou o som, chacoalhando a cabeça como se tentasse afastar um mosquito. Pegou o gancho do telefone, acreditando ter imaginado tudo.

Novamente o ruído.

Voltou-se para a janela e através do vidro salpicado de gotas d'água viu um ente deveras peculiar: o corpo era uma esfera negra como a mais negra das obsidianas e lisa como cristal bem polido, com diâmetro pouco menor que o de um prato comum; dois pares de asas alvas como neve recém caída e de distintas envergaduras faziam-na voar, ou aparentemente flutuar; patas alaranjadas e rugosas com grandes garras cor de chumbo como as de uma águia adulta seguravam uma pequena caixa de madeira ricamente entalhada, toda pintada de vermelho vivo com detalhes em verde escuro e dourado, possivelmente folheada a ouro nas bordas. Praticamente levitava em seu etéreo modo de voar, muito próximo à janela, produzindo o ruído quando batia de leve no vidro, aparentemente tentando chamar a atenção da jovem, que no entanto nada fez: estava pasma, perplexa, receosa... Um anjo negro à frente, a encará-la, como uma imensa pupila dilatada deixando entrever um cristalino opaco tingido pelo sofrimento de dezenas de vidas infelizes e sofridas durante

as infindáveis eras desta Terra. Tal criatura deu meia volta e desapareceu, deixando-se levar pelas brisas. Illyana ouviu um baque surdo à porta, e esta tomou conta de sua visão. Os cinco sentidos e algo além disso trabalhando de forma descompassada, como se o que mais temesse e o que mais tivesse que amar e saudar e louvar estivessem à espreita, juntos, esperando para ver a reação da estupefata jovem ao dar de cara com aqueles.

Caminhou lentamente.

Cada passo premeditado.

Um pé após o outro.

Agachou-se.

Pôde ver por debaixo da porta o alpendre de sua casa, seu chão de mármore, a formosa caixinha de madeira no chão, e o ser alado partindo para longe, em silêncio, como se de luto por ter abandonado a preciosidade que com tanto esmero e cautela carregara. Ela não abriu a porta. Não poderia... Não depois de ver aquilo! Correu em direção ao telefone: mas quem contatar?! Julgá-la-iam louca. Nervosa, caminhava apressadamente pela casa, esbarrando em móveis e tropeçando nos tapetes, desnorteada. Mil pensamentos absurdos e perigosos tomavam conta de sua impressionável cabecinha pueril. Nunca fora das mais corajosas, e mesmo que fosse achava improvável que manteria o sangue-frio.

Precisava ponderar.

Necessitava de sensatez.

Carecia de calma.

Sem ação, desatenta, acabou pegando um livro qualquer, de capa dura e negra, e começou a lê-lo. Mas não conseguia ater-se à leitura. Lia e relia os mesmos parágrafos sem ao menos dar-se conta disto. As palavras dançavam à sua frente como formigas que têm seu lar destruído por um sádico infeliz qualquer. Resolveu cozinhar. Entretanto, aparentemente nada parecia ser capaz de fazer Illyana parar de obsessivamente pensar no que acontecera. Era como se visse e visse novamente, seguidas e ininterruptas vezes, aquela cena: a esfera negra, voando, o sinal de que o inevitável estava próximo, cheirando e saboreando o inocente temor da jovem, tateando sua pele macia e clara com o mesmo cuidado de quem escolhe uma fruta suculenta. Somente depois de algumas horas conseguiu distrair-se com suas atividades corriqueiras, ainda assim com muito custo.

Mas o que Illyana vira não tinha precedentes.

O relógio batia as horas.

À noite ainda chovia.

Esfriara.

Illyana não falou com ninguém o dia todo.

Decidiu por fim abrir a porta, e dela aproximou-se tentando não fazer barulho. Sua impressão era a de que alguém jazia como uma estátua do lado de fora, um guardião mudo e inerte que causa espanto nos viajantes desavisados em uma noite fria e seca. Abriu afinal a porta, que não rangeu. O óleo que colocara nas dobradiças funcionara bem, pensava. Colocou a cabeça para fora da casa, cautelosa, comprimindo os olhos para tentar se adaptar mais rapidamente à escuridão, e ao fazê-lo constatou que ali no chão ainda estava a pequena

caixa, do tamanho aproximado de uma para se guardar sapatos, com a tampa arranhada, manchada, queimada e com óbvias tentativas de violação em toda sua extensão, como acontece com os nomes amaldiçoados que são rasurados nos túmulos de tiranos de modo a nunca serem lembrados ou pronunciados até o fim dos tempos. Pegou o objeto com ambas as mãos: era relativamente leve. Fechou a porta tentando enxergar algo na escuridão, mas nem ao menos era capaz de ouvir se alguém passava por ali. Trancou a porta. Certificou-se de girar a chave na fechadura o máximo que esta permitia, como se isso aumentasse sua segurança. Sentou-se o mais confortavelmente que pôde em sua poltrona forrada de couro vermelho, na sala. Tinha medo de abrir o artefato de onírica aparência. Era como se o delicado e brutalmente danificado objeto tivesse centenas de anos e ao mesmo tempo apenas algumas horas de existência. A caixa ocupava todo o campo de visão de Illyana, muito tensa.

Permaneceu sentada por um tempo que não poderia determinar com precisão. Parecia-lhe que apenas alguns minutos haviam transcorrido, mas novamente o relógio dava as horas.

Zumbidos.

Ranger do encanamento.

Gotas d'água no telhado.

Gotas d'água nas janelas.

Vento.

Dezenas de sons tomaram conta do ambiente. Illyana estava desesperada. Não sabia se devia fazer o que pretendia.

Sabia qual seria o resultado. Não sabia? Continuava imóvel, esperando que algo acontecesse. O quê? Não sabia dizer... Subitamente, de estômago embrulhado e cabeça revirando, sons latejando em seus ouvidos, gotas de chuva crepitando como o fogo das piras funerárias dos reis de outrora, ela levantou a tampa da caixa, de olhos fechados, virando a cabeça para a esquerda, como que tentando se proteger do mal que dali sairia para trazer a desgraça à sua vida. Abriu os olhos.

Findara a desafinada orquestra de ruídos que a perturbavam. Apenas se ouvia a chuva a cair ainda mais fria do lado de fora.

Illyana por fim viu o interior da caixa, recoberto por um tecido aveludado e carmesim, com fios dourados e prateados percorrendo-o como teias de aranha gentilmente bordadas por mãos superiormente hábeis. No meio, sobre uma pequena base metálica e envelhecida, com três pequenas garras, incrustada na madeira, havia um esfera lisa como a superfície do mais calmo lago congelado, escura e densa como os momentos que precedem a aurora gloriosa do dia vindouro, com finíssimos fios brancos e algodoados em seu interior, orbitando um disco celeste branco, azul claro e rosa. Tudo parecia se mover com a lentidão do crescimento das árvores. Era quase possível ouvir um chiado grave e celeste partindo dos confins da pequena esfera, tão viva em sua não vida, e tão cadavericamente desfalecida em sua pseudo vida. E a visão do curioso artefato como que fez por breves instantes desaparecer o desgosto, a angústia e a privação da tranquilidade que dilaceravam Illyana até então. Ela novamente podia respirar o ar doce da superfície. Hesitou alguns segundos até vagarosamente aproximar sua mão

direita da esfera.

Nunca em sua curta vida vira algo tão harmônico, tão misterioso, tão sublime... tão... tão... encantador...

Tocando a esfera, sentiu um frio de inexplicável tepidez. Afastou rapidamente a mão do objeto, como se tivesse levado um choque elétrico. Tocou-o novamente. Segurou-o com firmeza entre os delicados e limpos dedos, percebendo que não o quebraria, apesar de sua aparente fragilidade. Era macio e leve como lã, maciço e denso como pedra, diferente a cada momento... Porém, a esfera começou a pesar, a esquentar, as formas em seu interior movendo-se freneticamente. Illyana tentou, em vão, tirar a mão da esfera.

Estava presa.

Sentia-se sendo sugada para seu sombrio interior por um vácuo opressivo e absoluto em sua sordidez sepulcral. O êxtase arrebatador que domina o corpo mundano no clímax das mais puras manifestações do fato de se ser humano fluía como mornas ondas por seu corpo. Desesperou-se. Começou a tremer. Sentiu as dores excruciantes das setas que perfuravam os criminosos avarentos castigados com a morte em idos séculos, sons agudos como os de címbalos ricamente confeccionados por santificadas mãos feriam seus tímpanos como se suas notas ressonassem pelas cavidades de um vil corpo demoníaco. Névoa partia de sua mão, clara, o mais puro vapor das cascatas, e era sugada pela esfera, formando efêmeros redemoinhos. Illyana sentiu-se vazia, a dor sumiu, o êxtase cessou, tudo cessou... Silêncio absoluto. Fora-se a quintessência. O fim... O corpo inerte de Illyana caiu de lado, ainda na poltrona.

Rígido.

Frio.

Morto.

A caixa e a esfera rolaram pelo assoalho de madeira, caídos das mãos frouxas da jovem, mas por si só a esfera voltou para dentro da caixa, como se ambas fossem misticamente magnetizadas. A caixa firma-se em seus pequenos e dourados pés, fechando-se com um silencioso baque que ribombou placidamente pela tranquila sala.

A criatura alada, arauto de morte e fim, entrou pela janela quebrando os vidros. Pousou sobre a caixa, segurou-a com as garras, alçou voo e desapareceu noite chuvosa adentro, silenciosa como uma sábia coruja a caçar, invisível como uma sombra em noite sem luar. Seu destino ficava a dias dali... Mas exaustão, borrascas e o tórrido calor do Sol não a abalavam. E assim ao seu destino chegou... Montanhas escarpadas e frias, muralhas naturais ao mais melancólico e pálido pôr do Sol. O ente voou em direção a uma fortaleza abandonada, da pedra mais cinza e bruta, cercada por vegetação rala e de um verde mortiço. Entrou por altas e estreitas janelas nas grossas paredes e pousou sobre uma antiga mesa de carvalho nobre, já carcomido pelo tempo. À frente, sentava-se um homem com estigmas de séculos em seu raquítico e morbidamente pálido corpo, vestindo puídos e descolorados trapos claramente pomposos e ricos em sua era dourada. Era como se ali estivesse sentado há incontáveis anos, como um boneco esperando uma inexistente criança com quem brincar.

Desolador. Repulsivo. Digno de pena.

Os longos, oleosos, ondulados, acinzentados, rígidos e quebradiços cabelos e compridos bigodes e barba em sua face lembravam cascatas sujas com o vômito da modernidade entre excrescências rochosas há muito sem vida; poeira jazia sobre ele como que sobre uma estátua velha em um sótão abandonado. A criatura afastou-se, posicionando-se atrás da caixa que com um esforço insignificante levava aos confins do mundo e a trouxera novamente, intacta, a seu mestre. O homem levantou a cabeça e abriu os olhos lenta e penosamente.

Olhos avermelhados e baços, secos como frutas murchas, marcados por pesadas olheiras e bolsas de gordura flácidas e crispadas.

Sua trêmula mão, mais ossos que carne, abriu com custo a caixa, levantando a tampa obscurecida e hediondamente arranhada. Ao segurar a esfera entre seus dedos cadavéricos de ossos salientes como nós em árvores, cheios de chagas e com unhas compridas, amareladas, trincadas e tortas, a mesma névoa vital que deixara o corpo da jovem penetrou sua rígida cútis. A penosa tarefa a princípio tornou-se cada vez mais simples e prazerosa para ele. Uma doce juventude e palatável vitalidade inflamaram seu corpo decadente e atrofiado como o de um inseto moribundo e pisoteado sem pena ou misericórdia. Algumas de suas rugas e manchas bulbosas e encrespadas desapareceram quando maliciosa e perversamente sorriu, nefasto, trincando a pele ressequida e mostrando enormes dentes marrons. Os lábios rasgando-se em feridas grotescas. Eis a eternidade que tanto almejava.

Hedionda vida...

Morrem cedo os jovens e perdura sofrível o velho. Sem

remorso. Sem comiseração.

Só mortes...



